

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

MILENNA ALVES PAULINO

SÉRIE DE REPORTAGENS DE RÁDIO
“CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL”

Maceió
2021

MILENNA ALVES PAULINO

SÉRIE DE REPORTAGENS DE RÁDIO
“CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL”

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de Alagoas, como requisito
para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Dra. Lídia Maria Marinho da
Pureza Ramires

Maceió
2021

**Catálogo na Fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

P328s Paulino, Milenna Alves.
Série de reportagens de rádio “Contra-ataque : mulheres e o futebol /
Milenna Alves Paulino. – 2021.
60 f. : il.

Orientadora: Lídia Maria Marinho da Pureza Ramires.
Monografia (Trabalho de conclusão de Curso em Jornalismo) – Universidade
Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes.
Maceió.

Bibliografia: f. 35-37.
Apêndices: f. 38-60.

1. Desigualdade de gênero. 2. Futebol. 3. Radiojornalismo. 4. Machismo.
I. Título.

CDU: 796.072.3-055.2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)
Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e
Artes (ICHCA) Curso de Jornalismo

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

TCC para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Aos 15 dias do mês de dezembro do ano de 2021, das 15h às 16h15, realizou-se no Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social), da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), a sessão de apresentação do Trabalho de Conclusão de curso (TCC), intitulado “*Série de Reportagens de Rádio ‘Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol’*” de autoria da graduanda **Milenna Alves Paulino**, matrícula 16111099, do Curso de Jornalismo (antigo curso de Comunicação Social - habilitação Jornalismo), como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Bacharela. A banca foi composta por **Profa. Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel** (1ª examinadora), por **Profa. Dra. Maria Rachel Fiúza Moreira** (2ª examinadora) e por **Profa. Dra. Lídia Ramires** (orientadora). Após exposição oral sintetizando o TCC, a graduando(a) foi arguido(a) pelos membros da banca e em seguida respondeu aos questionamentos levantados. Ao fim da sessão, a banca se reuniu em particular e o TCC foi considerado:

- Aprovado, atribuindo-lhe a nota 10,00 (dez inteiros)
 Reprovado
 Aprovado, condicionado a reformulação, devendo o graduando entregar uma segunda versão desse trabalho em prazo não superior a dias úteis.

Subscrevemo-nos

Profa. Dra. Lídia Ramires (orientadora)

Profa. Dra. Mercia Sylvianne Rodrigues Pimentel (1ª examinadora)

Profa. Dra. Maria Rachel Fiúza Moreira (2ª examinadora)

"Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso: O que é que eu faço para tornar esta montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além?"

(Rupi Kaur)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Cleonice e Antonio Carlos, por sonharem junto comigo este sonho e por sempre acreditarem em mim e pelo apoio incondicional para que eu pudesse me formar. Essa conquista é nossa.

Agradeço a Deus pelo refúgio em tantos momentos difíceis dessa caminhada e pelo amor em colocar tantas pessoas incríveis junto a mim, a essas agradeço agora.

Às minhas avós, Dona Fransquinha e Dona Júlia, por serem exemplo de fé para mim, e por sempre intercederem pela minha vida. Também ao meu avô, meu sol maior, Raimundo Manoel, por todo amor por mim, por cada abraço e palavra que foram força em todo esse tempo.

Ao meu amor, Vitor Albano, por ser força e afeto em todo tempo e por sempre acreditar em mim. Por ser leveza em meio a tantas dificuldades. Obrigada por tanto.

Aos meus irmãos Jakson e Genilson, pela proteção e amor. Vocês fazem parte disso. E aos meus sobrinhos, Jadson, Genyara, João Miguel e Ana Júlia, pelos sorrisos mais sinceros.

Às minhas tias, Socorro e Cleunilda, e ao meu tio Edmar, pelo incentivo e contribuição nesse sonho.

Aos meus sogros, Adriana e Neuton, por torcerem pela realização deste sonho.

Aos amigos, Caroline, Galeno, Luciene, Izabel, Jéssica, Raiane, Aldenice, Rosilene, Chaguinha e Adriana por, mesmo com tanta distância física, serem presentes e verdadeiros.

À Jaqueline e Vitor, meus amigos que, independente da distância, sempre estiveram ao meu lado, pela escuta, amor e amizade. Obrigada por torcerem por mim tanto quanto para o time de vocês.

Aos amigos que Alagoas me trouxe Marta, Camilla, Janyelle, Mácio, Pedro, Eduardo e Carolina por dividirem essa jornada acadêmica comigo e tornarem ela leve. Em especial a Ulisses, meu apoio e amizade em todos esses anos e pela ajuda em cada detalhe neste projeto.

Ao meu diretor Fábio Costa, por desde o ensino médio ter contribuído para este sonho, pelo carinho e prestatividade. E ao meu orientador Figueiredo, pelos conselhos, afeto e ensinamentos.

Aos educadores Odete, Ana Lúcia, Rejane, Verônica, Ana Paula, Alexandre, Reginalda, Raquel, Marcelo, Daniel e Maradona, pelo incentivo, direcionamento e atenção.

À Cíntia, Selma e Fábio Henrique pelos ensinamentos no Jornalismo e na vida.

À Lídia Ramires, minha orientadora, por todo apoio e inspiração. Estamos juntas.

À Rádio Difusora, por ser minha escola no Jornalismo.

RESUMO

O trabalho a seguir apresenta todo o processo de produção e construção jornalística da série de reportagens de rádio “Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol”. Apesar das conquistas históricas e também recentes das mulheres na sociedade, em muitas áreas elas seguem sofrendo com a desigualdade de gênero e o machismo para entrada e permanência em determinados espaços e funções. Dentro do futebol, esporte socialmente definido como território masculino, as mulheres precisam enfrentar inúmeras barreiras para ocuparem de forma igualitária e para ter ascensão e protagonismo no mesmo. Neste projeto abordo quatro esferas do futebol onde as mulheres lutam contra o machismo: nas arquibancadas, na construção do futebol feminino, na arbitragem e na narração e comentários esportivos. Como contribuição social trago para o radiojornalismo um produto que reflete sobre as manifestações machistas do futebol, que acabam por excluir as mulheres desse território, a fim de causar reflexão nos consumidores e participantes desse universo.

Palavras-chave: desigualdade de gênero. futebol. radiojornalismo. machismo.

ABSTRACT

The following work presents the whole production process and journalistic construction of the series of radio reports "Contra-Ataque: Women and Soccer". Despite the historical and recent achievements of women in society, in many areas they continue to suffer from gender inequality and male chauvinistic to enter and remain in certain spaces and functions. Within soccer, a sport socially defined as male territory, women must face numerous barriers to occupy it in an equal manner and to have ascension and protagonism in it. In this project, I approach four spheres of soccer where women fight against male chauvinistic: In this project, I address four spheres of soccer where women struggle against male chauvinistic: in the stands, in the construction of women's soccer, in refereeing, and in sports narration and commentary. As a social contribution, I bring to radio journalism a product that reflects about the male chauvinistic manifestations of soccer, which end up excluding women from this territory, in order to cause reflection on the consumers and participants of this universe.

Keywords: gender inequality. soccer. radio journalism. male chauvinistic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVOS	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos	11
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	21
4.1 Escolha do Formato e Temática	21
4.2 Elaboração das Pautas	21
4.3 Fontes Entrevistadas.....	22
4.4 Redação para Radiojornalismo.....	27
4.5 Montagem e edição	29
5. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	38

1. INTRODUÇÃO

Pensar na mulher dentro do espaço do futebol é refletir sobre concepções machistas enraizadas na sociedade. Mesmo depois de conquistas femininas por direitos comuns aos homens, em alguns espaços a mulher ainda é vista como um corpo estranho, e no futebol essa desigualdade de direitos é ainda mais evidente.

No Brasil, durante a Era Vargas, o Decreto-lei 3199/1941 do Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu as mulheres de praticarem esportes considerados inadequados à sua natureza, tal proibição só foi revogada em 1979. Foram então 38 anos de uma barreira que impediu mulheres de desenvolverem a prática esportiva, o que não significou que elas não jogassem durante tal período.

Partindo desse contexto histórico de proibição, defendo que ao afastar e proibir que meninas e mulheres pratiquem o futebol há o impedimento que essas projetem suas vidas e carreiras nesse espaço. Afinal, se você não está inserida em uma cultura, envolvida e participe nessa esfera, não há reconhecimento dentro de tal. Aos homens, é dado o sonho de ser jogador de futebol desde a infância, antes mesmo de aprender os primeiros passos. Os bebês de gênero masculino são motivados e ensinados a ter o futebol como opção, e aqueles que não se tornam atletas profissionais seguem em grande parte em outras áreas profissionais que derivam da paixão nacional, além da vivência como torcedor, sendo espectador e público, observando assim esse território como natural a sua existência.

Faz-se necessário debater como as mulheres ocuparam e seguem ocupando esse espaço e, mais ainda, sobre os motivos da ausência delas em estádios, na arbitragem, jogando e comandando o futebol e, claro, na cobertura esportiva com o protagonismo na narração e nos comentários. Além do sexismo que impede a entrada delas no meio futebolístico sob a justificativa de que “futebol não é coisa de mulher”, é preciso discutir sobre a permanência, as oportunidades e a não ascensão de mulheres nesses territórios.

Dessa forma, a série de reportagens “Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol”¹ busca apresentar tais problemáticas, vivências e conquistas de mulheres no esporte da bola nos pés. O projeto que conta com quatro reportagens discutindo gênero e futebol traz a fala de torcedoras, profissionais de arbitragem, personagens do futebol feminino além de narradoras e comentaristas, dando protagonismo a essas e outras mulheres que resistem e fincam seus pés no esporte mais popular do país.

¹ A série pode ser acessada em <https://soundcloud.com/milenna-alves-paulino/sets>

Transgressoras ou não, as mulheres há muito estão presentes no futebol brasileiro. Vão aos estádios, assistem campeonatos, acompanham o noticiário, treinam, fazem comentários, divulgam notícias, arbitram jogos, são técnicas, compõem equipes dirigentes... enfim, participam do universo futebolístico e isso não há como negar. (GOELLNER, 2005, p. 149)

Com isso a autora evidencia o longo histórico da participação de mulheres em diversas esferas do futebol, sendo necessário reforçar e registrar a inserção e a permanência delas nesse cenário. Partindo desses registros a primeira reportagem deste projeto retrata as mulheres torcedoras e discute o estádio como território machista, que por concepções culturais impõe inúmeras barreiras a presença de mulheres, desde o assédio sexual vivenciado por elas nas partidas até os espaços de protagonismo nas torcidas. Tal realidade levou a criação de movimentos e torcidas feministas por todo o Brasil, ecoando a voz delas como parte da arquibancada.

No segundo episódio, apresento a profissionalização do futebol feminino no Brasil e faço um resgate histórico da resistência feminina pela prática esportiva. Como dito anteriormente, o futebol de mulheres é cercado por um período de proibições, que pôs a história da modalidade no anonimato. Tais acontecimentos refletiram no baixo desenvolvimento visto até hoje na categoria. Essa abordagem me possibilitou contribuir com a valorização dessa história que foi posta em escanteio, além do incentivo a continuação do sonho da profissionalização e valorização dessas mulheres.

Na terceira reportagem, através de dados e relatos observamos as desigualdades de gênero na arbitragem de futebol. A participação de mulheres nos quadros de arbitragem, e principalmente nas escalas de trabalho, evidenciam as análises subjetivas pelas quais o trabalho das profissionais está sujeito. Das poucas oportunidades aos julgamentos por erros, a arbitragem é campo de resistência de muitas mulheres.

Em meio às recentes contratações de mulheres nos cargos de narração e comentários esportivos pelas principais emissoras de televisão do Brasil, a quarta reportagem busca entender o porquê da inserção tardia de mulheres em funções de protagonismo no jornalismo esportivo. Além de levantar as situações e dificuldades que estas enfrentam no campo do trabalho. Por isso, a voz é delas no episódio que encerra a série.

Dialogar sobre mulheres e suas vivências pessoais e profissionais no futebol é contribuir para uma discussão acerca da igualdade de direitos entre homens e mulheres. A luta por liberdade e espaços igualitários reforça que o futebol nunca foi um território estranho para elas. Em diferentes funções, evidenciamos um único oponente: o machismo cultural e histórico. Enquanto tais condutas machistas seguirem normalizadas e minimizadas por instituições,

torcedores, jogadores, jornalistas e tantos outros personagens, as mulheres seguirão precisando lutar e reivindicar seus direitos.

2. OBJETIVOS

2.1 Geral

Levar aos ouvintes de rádio, pautas que debatem questões de gênero, espaço e oportunidade de mulheres profissionais e espectadoras de futebol para elevar temáticas necessárias a quem consome e produz o dia a dia da cobertura esportiva, uma vez que se faz necessário dar visibilidade à luta de mulheres no futebol.

2.2 Específicos

- Fazer panoramas sobre como as mulheres foram classificadas dentro do futebol e como ocupam hoje esse território;
- Mostrar a vivência de mulheres espectadoras e profissionais do futebol que convivem diariamente com o machismo e a desigualdade de gênero;
- Problematizar o machismo cultural que impede que mulheres profissionais da área não ocupem espaços de protagonismo no jornalismo, na arbitragem e no futebol de mulheres;
- Abordar os movimentos de torcedoras que ocupam as arquibancadas contra as violências sofridas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O dia 20 de abril de 1923 é o marco histórico da instalação da radiodifusão no Brasil. Através de Edgard Roquette-Pinto é inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e definitivamente as ondas do Rádio passam a fazer parte da vida brasileira. Mas é necessário registrar o pioneirismo, mesmo que amador, da Rádio Clube de Pernambuco, com um transmissor importado da França para Recife. O dia 6 de abril de 1919 marca então o nascimento das primeiras experiências com transmissões em solo brasileiro, realizados na capital pernambucana.

O início do veículo no Brasil não contou com uma programação estabelecida e organizada, tardando o desenvolvimento de uma radiodifusão padrão. Porém, com a regulamentação da propaganda no rádio e o surgimento de emissoras em outros estados pelo país a mídia foi se popularizando e garantindo seu perfil de público.

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta elevado. (ROQUETTE-PINTO *apud* FERRARETTO, 2001, p. 97).

Nas décadas seguintes, entre 1940 e 1950, o rádio se firmou como principal veículo de comunicação no país. Apesar do destaque da grade de programação na época ser o entretenimento e os espetáculos, o radiojornalismo ganhou notabilidade através de programas como “O Jornal da Manhã”, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, e “O Repórter Esso”, na Rádio Nacional, os noticiários garantiram relevância ao jornalismo no rádio. Como revela Ortriwano:

Caminhando a passos lentos, o radiojornalismo foi se desenvolvendo no Brasil. Se já estava presente desde as primeiras transmissões, só começa a funcionar, de fato, ganhando espaços e importância, com o advento da Segunda Guerra Mundial. Mas, desde suas primeiras transmissões, agregava prestígio às emissoras que nele investiam. (ORTRIWANO, 2003, p.72)

Com o passar dos anos, o radiojornalismo foi se aperfeiçoando com técnicas e estruturas de produção definidas. Dentre os diversos gêneros do rádio, a reportagem é um dos formatos informativos mais ricos a ser trabalhado, possuindo uma liberdade na construção e divulgação de informações ao ouvinte. Como discorre Prado (1989), a reportagem radiofônica possui duas divisões claras: a reportagem simultânea e a reportagem diferida. Para este projeto, adotei o segundo formato, no qual a montagem do assunto apresentado é primordial para atingir o público. O autor explica que “o ordenamento das representações não precisa seguir uma

sequência cronológica, mas uma ordem lógica que facilite a compreensão do fato” (PRADO, 1989, p. 89).

Nesse caso, é importante ressaltar que na reportagem diferida, diferente da simultânea, pode-se incluir sonoras produzidas, principalmente com a opinião de especialistas acerca do assunto central. Esse formato não costuma ser bem aproveitado nas redações, pois exige preparação prévia e um tempo para coletar os dados, selecionar as falas mais relevantes e produzir o roteiro a ser gravado e editado.

Partindo da importância da preparação para a construção de uma reportagem completa, que cumpra com o compromisso de levar a sociedade uma análise aprofundada de acontecimentos e questionamentos pertinentes, a construção da pauta deve conter todas as orientações necessárias. Esse processo é fundamental para que o repórter consiga através das fontes falas relevantes acerca do assunto central debatido, além de fatos ligados que possam contribuir na construção do produto final. Assim, em todas as reportagens foi adotado um modelo de pauta apresentando proposta, fontes e dados. As pautas podem ser visualizadas nos apêndices deste relatório.

Para a construção da pauta, pesquisei a fundo sobre o tema, dados a serem mastigados nas entrevistas, que fontes poderiam melhor falar sobre os apontamentos levantados, além de pensar como tais abordagens poderiam ser melhor apresentadas ao público, com um pequeno esboço de sons, buscando potenciais sonoros nas reportagens. Segundo Parada (2000), a escolha e construção de uma pauta definem relações com os ouvintes.

Uma boa pauta significa que o rádio vai conseguir traduzir em forma de programas, entrevistas ou reportagem tudo aquilo que a pessoa vivencia e discute ao longo do dia [...]. Assim o ouvinte toma ou não determinada atitude em função das pautas que a equipe é capaz de imaginar para ajudá-lo. (PARADA, 2000, p.84)

Tais características da reportagem de rádio e do processo de produção foram motivações para escolher este formato e veículo para o meu trabalho. O rádio, mais tradicional veículo de comunicação, é uma ferramenta importante para debater, levar informações e construir novas concepções sobre a sociedade e assuntos pertinentes a ela.

Dentro do tema central desta série de reportagens que busca debater gênero e futebol, defendo a necessidade de incluir na cobertura esportiva essas problemáticas. Entender a mulher e sua figura como parte desse território futebolístico é um passo importante para incluir suas demandas no dia a dia da cobertura.

O rádio esportivo foi essencial para a transformação do futebol em esporte de massa e um importante complemento na definição do rádio como meio de comunicação de massa. O ponto de partida deste processo é a primeira narração detalhada de um jogo de futebol. (SOARES, 1994, p. 17)

O rádio como meio de comunicação de massa, aliado ao futebol, esporte mais popular no país, é uma junção que pode e deve contribuir para o debate social acerca da discriminação da mulher nesse meio. Tal pensamento é validado através da própria história do rádio, como aponta Soares (1994).

A escolha dessa temática central parte da observação do machismo que impõe inúmeras barreiras às mulheres dentro do futebol, desde as espectadoras até as profissionais do meio. Aqui precisamos entender gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86).

Tal conceito ajuda a explicar como a mulher foi por décadas excluída desse espaço, e mesmo após a luta por essa ocupação outras barreiras surgiram. A luta feminina dentro do futebol traz um histórico de proibições e impedimentos, que afirmam socialmente o que é ou não lugar de mulher. O futebol é mais que um entretenimento ou lazer, é parte da cultura e das relações sociais que vão se construindo ao longo do tempo. Como parte da sociedade o futebol é um exemplo de espaço demarcado como masculino e majoritariamente heterossexual. Dentro desse espaço, a figura feminina foi pautada de forma estereotipada e sexualizada, evidenciando a invisibilidade social do gênero.

Com as crescentes conquistas dos movimentos feministas por equidade, as mulheres no futebol passaram a lutar por espaços, cargos e posições dentro desse universo. A ocupação desse espaço não se trata de uma aceitação sobre lugares concedidos, em sua maioria as mulheres compreendem que os valores impostos no futebol são parte de uma hegemonia masculina que vigora em todos os setores da sociedade. Além de compreenderem que com suas representatividades e olhar para o coletivo poderão reivindicar esse território, não como infiltrada e sim como parte que lhes fora negada. Assim é importante definir o futebol como um fator sociocultural. Como dito por Franzini (2005):

O universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da 'ordem', ou da 'lógica', que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de

gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for mais exacerbadas as suas réplicas (FRANZINI, 2005, p. 2).

Contudo, é necessário dar voz às mulheres que construíram a história da presença feminina nas arquibancadas, na prática e comando do futebol, na arbitragem, além da cobertura esportiva, evidenciando assim suas trajetórias, as barreiras e a ausência de uma igualdade nesse espaço. É preciso questionar de que maneira se deu a inserção de mulheres no futebol, que mesmo depois de conquistas individuais e coletivas ainda são postas em questionamentos machistas e sexistas sobre seu lugar nele.

Quando falamos de futebol uma das lembranças mais marcantes do meio é a da torcida. A figura que torce é o primeiro contato da maioria dos apaixonados e apaixonadas por futebol, e acompanhar o time do coração é um ato de afirmação dentro de um espaço. O estádio, as arquibancadas, os arredores e o trajeto feito até uma partida fazem parte de um ritual simbólico na vida de muitos. Para as mulheres estar nesse lugar, seja nas cadeiras ou nas gerais, é um ato de resistência.

O primeiro episódio desta série de reportagens especiais retrata a história das mulheres nas arquibancadas como torcedoras de futebol. A história nos revela que a mulher sempre esteve presente nesse espaço, a palavra “torcedora” foi usada pela primeira vez em 1906 quando o jornal *O Estado de S. Paulo* passou a usar o termo para designar aqueles que iam aos estádios acompanhar as partidas de futebol. O caráter elitista conferido ao esporte na época fazia com que na plateia dos jogos estivessem pessoas com roupas sofisticadas, lenços e luvas. As mulheres devido às altas temperaturas e o nervosismo das partidas retiravam suas luvas e a torciam, o que foi observado pelo colunista Coelho Neto, que dali em diante passou a usar o termo em seus textos.

Pois foi esse importante personagem [Coelho Neto] o responsável pela criação do termo 'torcida', que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Neto notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Neto chamou essas mulheres de 'torcedoras'. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino (FILHO, 2017).

Mesmo diante dessa presença inicial, com a popularização do futebol ritos e processos foram sendo construídos na esfera futebolística. O futebol foi se tornando cada vez mais um esporte de homens e para homens. Em um movimento recente as torcedoras passaram a ocupar

o espaço nas arquibancadas de uma forma diferente, buscando protagonismo e igualdade. Com isso as torcidas com protagonismo feminino levantam bandeiras contra as violências de gênero e a discriminação da mulher nos estádios, buscando a democratização das arquibancadas, sem violações ou impeditivos. Surgem assim os movimentos e torcidas femininas e feministas, contra os estereótipos ditados pela sociedade machista e em busca de uma ocupação igualitária.

Após esse recorte da mulher espectadora de futebol, que é importante para representar, informar e debater sobre a figura feminina como consumidora e parte do espetáculo das arquibancadas, a série de reportagens se encaminha para a discussão sobre mulher, futebol e o campo do trabalho. Através de três áreas do universo futebolístico: o futebol de mulheres, as profissionais de arbitragem e as mulheres na cobertura esportiva.

A história da mulher no trabalho é de modo geral uma fonte de pesquisas e discussões, que desencadeiam uma série de problemáticas do patriarcado histórico, onde as mulheres são educadas e criadas para a maternidade e os afazeres domésticos. O início do século XX é marcado pela entrada da mulher no mercado de trabalho, porém os rumos trabalhistas não significaram a liberdade feminina. As fábricas eram um novo espaço para a discriminação dos corpos femininos, objetificando as funcionárias e ligando suas imagens à imoralidade e a prostituição. As trabalhadoras das fábricas eram mulheres de camadas mais pobres da sociedade, enquanto as mulheres da burguesia eram destinadas a cuidar do lar e do matrimônio.

Nesse contexto, com a crescente incorporação das mulheres ao mercado de trabalho e à esfera pública em geral, o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionados à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição. Enquanto o mundo do trabalho era representado pela metáfora do cabaré, o lar era valorizado como o ninho sagrado que abrigava a “rainha do lar” e o “reizinho da família”. (RAGO, 2010, p. 588).

Todo esse discurso produzido pelo patriarcado foi mais um ataque à não entrada de mulheres nesse campo, para que as mesmas não atingissem independência financeira e tivessem suas honras atacadas pelos seus ofícios. Mesmo ocupando o ambiente fabril, as mulheres continuaram encarregadas de cuidar do lar, dos filhos e do marido, sendo os espaços públicos e de lazer destinados aos homens.

Com isso a vida profissional da mulher acabara ficando em segundo plano, sendo a família a sua principal preocupação, tendo a ocupação fora de casa como mais uma jornada de trabalho, tornando a trajetória feminina uma prova de resistência. A presença de mulheres no interior das fábricas significou uma ameaça aos homens, mesmo sua mão de obra sendo menos

remunerada e suas funções sendo as menos especializadas. Tal afirmação ajuda a compreender o real problema para eles, a entrada da mulher na esfera pública.

Tais análises evidenciam que a luta feminina para entrar e permanecer no mercado de trabalho não foi plena, visto que tal inserção ainda teve ao seu redor uma nova opressão. Quando a mulher sai da esfera privada, do lar e da família, e chega à esfera pública através do trabalho, surge outro mecanismo do patriarcado, segundo Wallby (1990, p.178) “elas não são mais barradas das arenas públicas, mas são ainda assim subordinadas nessas arenas”. Surge com isso um conceito definido como patriarcado público que acontece quando “Estado e mercado de trabalho passariam a ser as dimensões em que as coerções se organizam e se institucionalizam. Novas formas de inclusão seriam acompanhadas de formas também renovadas de opressão e controle” (BIROLI, 2018, p. 32).

Tal conceito nos ajuda a entender certos movimentos das profissionais na esfera do futebol. Na segunda reportagem desta série o assunto é a profissionalização do futebol feminino no Brasil. Para isso é preciso evidenciar o papel e as trajetórias das mulheres como atletas e também nos comandos e gestão do futebol. Em um relatório divulgado pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) em 2019, o Brasil tinha apenas 15 mil mulheres praticando futebol, entre profissionais e amadoras, o número é 600 vezes menor que o apresentado pelos Estados Unidos, um dos grandes exemplos de profissionalização da modalidade. Nos cargos de direção da categoria no Brasil os números e a representatividade também ficam em baixa. Somente em setembro de 2020 a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) admitiu pela primeira vez mulheres em dois dos principais cargos de direção das modalidades femininas da instituição.

Desde que o futebol foi criado, as mulheres em diferentes tempos e contextos sociais precisaram disputar poderes para nele adentrar, e ao fazê-lo desconstruíram representações que, assentadas na biologia do corpo e do sexo, justificavam o caráter exótico, espetacular e impróprio atribuído a sua prática (GOELLNER, 2021, p. 2)

Ou seja, além da proibição histórica da prática, que perdurou 38 anos, até a regulamentação que só aconteceu em 1983, as mulheres seguem até hoje com dificuldades de ascensão dentro da própria modalidade. Faltam técnicas sendo admitidas, mulheres na gestão das coordenações estaduais e dentro da própria CBF em uma maior representação. Com isso, compreendemos que mesmo diante de um espaço que vem crescendo com os anos, as mulheres ainda não são maioria em todas as áreas que derivam do futebol, como uma tentativa de afastá-las das mudanças que podem ser feitas para melhorar as condições da própria modalidade feminina no Brasil.

Na terceira reportagem trago a perspectiva sob o olhar das profissionais de arbitragem. Uma categoria que passa a princípio pelo primeiro problema que é a não profissionalização da função, sem direitos garantidos. As mulheres nesses cargos, mesmo com um histórico de pioneirismo e luta que as colocou através da imagem de Léa Campos como parte do universo da arbitragem, seguem em conquistas lentas. A princípio não há informação de como são feitas as escolhas dentro da arbitragem no Brasil. As análises passam um caráter subjetivo e dentro dessa subjetividade as mulheres acabam sendo as mais prejudicadas, desde a baixa presença numérica até a quase inexistente escala de trabalho nas principais competições nacionais organizadas pela CBF.

Além disso, as mulheres na arbitragem costumam ocupar posições intermediárias, longe do protagonismo do comando de uma partida como árbitras centrais. O dado mais recente é do site *Dibradoras* que em 2019 apontou a representação de mulheres no quadro CBF daquele mesmo ano, eram 86 profissionais sendo 18 árbitras centrais 59 assistentes e 9 analistas, enquanto homens eram 752 no geral sendo 248 árbitros centrais 355 assistentes e 149 analistas. Isso significa que as mulheres eram apenas 10% no quadro nacional.

A partir desse apontamento, podemos refletir sobre a posição hierárquica e as relações de poder que estas determinam, já que, na atuação dos/as assistentes de arbitragem, as marcações efetuadas em uma partida estão sujeitas ao julgamento do árbitro, ou seja, se o/a assistente sinalizar com a bandeira uma infração, e o árbitro não apitar, nada será marcado. (MONTEIRO; SOARES; MOURÃO, 2015, p. 6)

No quarto e último episódio da série “Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol” o assunto central é a presença de mulheres comentando e narrando futebol. Os registros revelam que a presença de mulheres no jornalismo esportivo é percebida entre 1970 e 1980, com destaque para a *Rádio Mulher*, de São Paulo. O que não significa que antes dessa percepção já não houvesse mulheres atuando no impresso e no rádio. Na TV, elas passam a ser presentes nas coberturas, programas e em campo como repórter na década de 1980. Durante anos a ocupação de mulheres nas redações foi destinada a editoria de moda, culinária, consumo entre outros. Aqui notamos novamente a situação do patriarcado público, com as mulheres ocupando cargos concedidos, fora de editorias tidas como masculinas. Em um relatório divulgado em 2017, a ABRAJI (Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo) traçou que essa ainda é uma realidade nas redações.

O que encontramos de discrepante são as áreas de esportes, educação e tecnologia, nas quais os homens estão sobre-representados como editores. [...] Já na área de turismo, moda, gastronomia e estilo de vida há

proporcionalmente mais mulheres editoras que homens. Esse quadro sugere uma certa divisão do trabalho jornalístico conforme os antigos estereótipos. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017, p. 16-17).

Mais que essa falta de igualdade numérica, as profissionais de imprensa ainda precisam vencer outras lutas. Neste projeto, o objetivo é destacar duas funções dentro da cobertura esportiva: a narração e os comentários. A escolha por essa abordagem parte da observação e inquietação sobre a ausência de mulheres nesses espaços por tanto tempo. As recentes notícias apontam para as contratações de mulheres nestas funções pelas principais emissoras de televisão do país, mas ainda assim elas são minoria. Tais funções são tidas como protagonistas nas transmissões, e não ter ou ter poucas mulheres ali é reflexo do machismo no futebol e dentro da editoria.

Detalhado os fatores sociais que contribuem para o desenvolvimento de informação e debate sobre a presença de mulheres no futebol, escolher o rádio para levar tal reflexão parte da percepção do mesmo como um veículo de massa, capaz de dar voz a pautas sociais, e aqui mais do que isso, de dar também protagonismo a vozes sufocadas.

O rádio, ao contrário, tem se mostrado eficaz como meio para informar, para transmitir conhecimentos e para provocar inquietações. É possível, também, conduzir a uma reflexão sobre valores e atitudes, estimular o raciocínio, favorecer à formação de uma consciência crítica pelo rádio. Vejamos, portanto, os diferentes formatos que podem ser utilizados para estes diferentes propósitos. (KAPLÚN, 2017, p. 120)

A reportagem, formato escolhido para este projeto, permite que se utilize técnicas diversas e tenha flexibilidade na montagem do roteiro de cada uma das pertencentes à série. Mas o próximo passo desta produção foi a condução das entrevistas. Nesse processo busquei não somente seguir técnicas de entrevistas, mas estabelecer uma relação de escuta com minhas fontes, adotando o diálogo como espaço de aprendizado e coleta de falas necessárias, emocionantes e autênticas. Há duas formas de adotar uma entrevista “Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista discuta-se a técnica da entrevista: se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se ao diálogo” (MEDINA, 2002, p. 5).

Após a realização das entrevistas foi iniciada a construção dos roteiros das reportagens. Na reportagem de rádio essa etapa é onde projetamos as falas selecionadas e organizamos, apresentando a mensagem principal a ser transmitida. Nesse caso específico o projeto é seriado contendo uma ideia central embutida em todos os quatro produtos, com abordagens diferentes.

Ao me propor comunicar sobre mulher e futebol foi essencial que as falas das minhas personagens conduzissem os debates, com dados, registros históricos e atuais sobre as questões em discussão. Além das sonoras e dos *offs*, os roteiros trazem uma montagem de som nas produções, buscando evidenciar os potenciais sonoros que tanto as narrativas como as temáticas trazem.

Agregar esse tema ao poder de comunicação do rádio junto ao seu ouvinte é extremamente simbólico pelo meu envolvimento profissional com o veículo e também estratégico por acreditar que é preciso debater essas questões. Tais discussões são muitas das vezes destinadas somente a públicos que já se interessaram por tais problemas sociais, busco então atingir os mais diversos públicos, inclusive o consumidor comum de futebol. Por acreditar ser possível introduzir, através de um texto com os princípios do radiojornalismo, aliado a construção completa de um roteiro que se preocupe com a forma de comunicar ao ouvinte, a temática da desigualdade de gênero, discriminação de mulheres e a busca por equidade no universo do futebol como um espaço também para todas.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

4.1 Escolha do Formato e Temática

Desde a minha entrada no curso de Jornalismo, meu desejo sempre foi concluir o curso com um projeto de jornalismo esportivo, pois o editorial sempre foi o que mais me envolveu durante minha formação, pela minha vivência com o futebol desde sempre e posteriormente pela minha inserção enquanto mulher profissional nesse espaço. A primeira ideia foi construir um projeto prático sobre mulheres no telejornalismo esportivo, a princípio uma reportagem multimídia.

Durante algumas disciplinas do curso experimentei o que seria uma prévia desse projeto final. Nessa experiência tive dificuldades tanto de fontes que suprissem a minha abordagem como de recursos para a construção de um projeto completo como este, que exigiria despesas e um investimento que não cabiam no meu orçamento. Com isso, idealizei uma monografia dentro do mesmo tema, porém com as leituras e com a minha própria caminhada no jornalismo, partindo da minha inserção no radiojornalismo através do estágio na *Rádio Difusora de Alagoas*, que o melhor seria abordar meu projeto no formato radiofônico.

A decisão foi discutida junto à minha orientadora, a professora Lídia Ramires, e a temática que antes ficava restrita no campo do jornalismo esportivo foi ampliada para outras áreas do futebol, desde a torcedora, passando pelo campo com o futebol de mulheres, a arbitragem feminina e as mulheres em cargos de diretoria até o jornalismo esportivo através das narradoras e comentaristas. Ou seja, o projeto ganhou corpo com as minhas novas experiências e vontade de ampliar debates, não só para a minha área de atuação, mas também para questões que sempre estiveram presentes no meu cotidiano de cobertura esportiva, onde eu senti a necessidade de apresentar tais inquietações em um produto e contribuir para essa discussão.

A minha experiência com o radiojornalismo, onde passei por praticamente todas as funções desde a produção de pautas até o ao vivo, deixaram claros que estava trabalhando com o formato que mais dominava dentro do jornalismo, isso facilitou o desenvolvimento do meu produto.

4.2 Elaboração das Pautas

Ao definir o formato e temática a ser trabalhada iniciei a etapa de pré-produção, com pesquisas em portais de notícias, dados e informações sobre os assuntos. Foi nesse processo

preliminar que houve outra mudança em relação às pautas. Em uma das reportagens da série o objetivo era dialogar sobre a ocupação de mulheres em cargos de diretoria de clubes de futebol, principalmente em funções ligadas ao futebol masculino. No Brasil, esse número é quase inexistente, das poucas mulheres que encontrei nesses cargos os materiais analisados evidenciaram algumas rupturas que fugiam da abordagem que teria como regra nas demais pautas, então optei por retirar esse tema do projeto.

Após esse trabalho de pré-produção, eu pude definir as abordagens que cada pauta teria. Com o material obtido, fontes pré-definidas e outros conteúdos como reportagens, artigos e dissertações consumidos pude traçar meus modelos de pauta. Assim ficou definido o projeto em quatro reportagens seriadas que conversavam entre si, apresentando torcedoras e os movimentos femininos de arquibancada, a presença de mulheres na arbitragem de futebol, o processo de profissionalização do futebol de mulheres e por último as narradoras e comentaristas na cobertura esportiva. A série recebeu então o título que dá nome a este projeto “Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol”.

O nome escolhido faz referência à tática utilizada no futebol, onde uma equipe que está em situação de defesa arma uma jogada de ataque rápida como resposta ao ataque do adversário. Além disso, o primeiro termo o “contra” também comunica sobre as tantas barreiras que as mulheres precisam lutar contra para estar no futebol, seja espectadora ou profissional.

Foram então elaboradas as pautas, seguindo o modelo com que trabalhei dentro e fora do curso, com proposta, fontes e informações adicionais. Quatro pautas foram construídas, com proposta direcionada para cada fonte entrevista dentro daquele tema. As pautas podem ser visualizadas nos apêndices deste relatório.

4.3 Fontes Entrevistadas

Esse trabalho de pesquisa para a construção das pautas me possibilitou ter muitos nomes como possíveis fontes em praticamente todas as pautas, podendo inclusive ter redirecionamento de personagens caso não houvesse retorno dos contatos. Basicamente usei três tipos de fontes nas reportagens: cotidianas, oficiais e especializadas. Para Sponholz (2008) esta última categoria de fonte trata-se de pessoa de notório saber específico ou organização detentora de um conhecimento reconhecido.

Após selecionadas as fontes comecei o processo de conseguir os contatos, através de colegas jornalistas no caso de fontes referências sobre o assunto, via redes sociais e em alguns casos quando disponibilizado procurei via e-mail, além de alguns contatos por assessoria.

Construí um padrão de mensagem sendo clara e objetiva na abordagem para que não houvesse dúvidas recorrentes sobre o motivo do contato.

Para a construção das reportagens foram entrevistadas ao todo quatorze mulheres: Amanda Balbino (Torcedora da CSA Antifascista), Mayara Cavalcante (Torcedora da *EmpoderAzul*), Soraya Barreto (Pesquisadora da UFPE), Deborah Cecília (Árbitra central FIFA), Raquel Barboza (ex-assistente de arbitragem CBF), Cláudia Guedes (Ex-árbitra central FIFA), Ludmila Mourão (Pesquisadora da UFJF), Lindsay Camilla (Treinadora de Futebol), Ana Lorena Marche (Coordenadora de Futebol Feminino da Federação Paulista de Futebol), Camilla Garcia (Narradora do Grupo Disney), Rafaelle Seraphim (Comentarista), Renata Mendonça (Comentarista do Grupo Globo), Daiane Silva (Jogadora de Futebol) e Lídia Ramires (Pesquisadora da UFAL).

Destas entrevistas, apenas três foram presenciais, visto que a grande maioria das fontes eram de outro estado, sendo adotado então a entrevista no formato virtual através de chamada de vídeo pela plataforma do *Zoom*, onde foi possível capturar toda a conversa para utilização do áudio.

Os temas abordados possuem poucos dados específicos sobre o assunto principal das pautas, a exceção aconteceu apenas na reportagem sobre Futebol Feminino onde consegui pesquisas que me interessavam. Não há informações que tragam um quantitativo e qualitativo sobre as violências sofridas pelas mulheres nos estádios de futebol do Brasil, assim como sobre os registros de abusos sexuais e psicológicos vividos pelas jornalistas esportivas, além da ausência de registros atualizados sobre as profissionais de arbitragem no site oficial da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). As ausências de tais dados seguem a me inquietar, mesmo diante disso foi possível conduzir o debate e apresentar as problemáticas.

O tema central da série é a desigualdade de gênero e o machismo vivenciado por essas mulheres em seus respectivos ambientes de ocupação, do lazer ao profissional. Assim as entrevistas foram realizadas no caráter de temáticas que como discorre Lage (2005) são:

Entrevistas abordando um tema, sobre o qual se supõe que o entrevistado tem condições e autoridade para discorrer. Geralmente consistem na exposição de versões ou interpretações de acontecimentos. Podem servir para ajudar na compreensão de um problema, expor um ponto de vista, reiterar uma linha editorial com o argumento de autoridade (a validação pelo entrevistado) etc. (LAGE, 2005, p. 32)

A primeira entrevista foi realizada no dia 31 de julho de 2021, onde me encontrei com as torcedoras do CSA Amanda Balbino, integrante do movimento CSA Antifascista e Mayara Cavalcante, do coletivo *EmpoderAzul*. A conversa durou pouco mais de uma hora, uma das

poucas entrevistas presenciais o meu momento com essas duas torcedoras foi muito importante para que eu pudesse entender de que forma o machismo fala tanto sobre território e expulsa mulheres das arquibancadas de um estádio. No roteiro, apenas a Amanda Balbino foi utilizada como fonte em citação direta, mas cito aqui a imensa contribuição da Mayara Cavalcante com informações e depoimentos importantes para a construção do texto.

Em seguida, no dia 18 do mês de agosto de 2021, reuni-me em videoconferência com a Coordenadora de Futebol Feminino da Confederação Paulista de Futebol, Ana Lorena Marche, essa que foi uma das mais importantes entrevistas para a pauta sobre Futebol de Mulheres. Com a Ana Lorena fiz uma entrevista de 55 minutos, onde abordamos o início da prática do futebol por mulheres no Brasil e o trabalho corporativo que vem sendo feito pelas coordenações e federações. A Federação Paulista é um dos bons exemplos do que vem sendo feito com as meninas e mulheres no futebol feminino, obtive dados e resultados sobre essas práticas.

Logo no dia seguinte, dia 19 de agosto de 2021, realizei outra entrevista da pauta de Futebol Feminino. Foi a vez de conversar com a Técnica de Futebol Lindsay Camilla. Foi uma grande realização poder falar com a Lindsay que foi a primeira mulher campeã como técnica da Libertadores Feminina. A Lindsay abordou comigo a importância das mulheres no comando técnico do futebol, nas comissões e à beira do gramado.

No dia 29 do mesmo mês, realizei a entrevista com a comentarista do Grupo Globo Renata Mendonça, que também é co-fundadora do site *Dibradoras*. Pelo trabalho de longa data da Renata com a pauta de mulheres no futebol foi muito enriquecedor a minha conversa com ela, consegui bastante material não só para a pauta de Mulheres na narração e nos comentários como informações e debates acerca do futebol de mulheres que é muito trabalhado por ela no projeto *Dibradoras*. A entrevista teve 1 hora e 43 minutos de duração. Com a Renata tive a indicação de outra personagem para a reportagem com narradoras e comentaristas, Rafaele Seraphim, como irei registrar mais à frente.

Ainda no mês de agosto, no dia 30, entrevistei a pioneira Cláudia Guedes, uma das primeiras árbitras mulheres do futebol. Com a Cláudia tive muitas informações sobre o início das mulheres nessa função e bastidores desses momentos. Acredito que uma das falas mais marcantes da pauta sobre arbitragem é a dela, com o relato da pressão sofrida em uma partida da Copa do Mundo Feminina na China.

Conversei ainda com a árbitra central em atuação, Deborah Cecília, do quadro FIFA de arbitragem, no dia 26 de setembro de 2021. A minha conversa com a Deborah não rendeu o esperado, acredito que pelo fato dela ainda estar em atuação as respostas para os meus questionamentos não foram esclarecedoras. Senti a todo momento que a problemática diante da

desigualdade numérica e as poucas escalas das profissionais mulheres eram minimizadas e contornadas de alguma forma. Por isso resolvi por não a utilizar como fonte na reportagem.

Seguindo com as datas marcadas, no dia 11 de outubro de 2021, entrevistei a pesquisadora Soraya Barreto. A Soraya surgiu para mim durante as minhas pesquisas sobre o tema das Torcedoras, por conta do livro lançado por ela “*Mulheres no campo: O Ethos da Torcedora Pernambucana*”. Com mais pesquisas sobre suas publicações, decidi que ela seria uma fonte especializada que poderia aparecer em todas as pautas da série. Em 1 hora e 12 minutos de entrevista fiz perguntas sobre cada assunto da série. Como esperado, o assunto que mais rendeu foi sobre as torcedoras. Ela aparece como fonte especialista em duas pautas, na do Futebol Feminino e na das Torcedoras, as respostas sobre arbitragem e narração e comentários não foram utilizadas.

Como citado acima, com a Renata Mendonça eu tive a indicação da Rafaelle Seraphim. A minha conversa com a Rafaelle que é comentarista esportiva e participa como convidada das mesas redondas do SporTV, canal fechado do Grupo Globo, aconteceu no dia 22 de outubro e teve duração de 55 minutos. Há duas motivações para a minha entrevista com a Rafaelle, uma é o fato dela sempre ter desejado trabalhar na função de comentarista, mesmo sem referências e outra é pelo fato dela ser uma mulher negra ocupando essa posição. Eu quis trazer essa questão porque quando a gente debate mulheres nos espaços de desigualdade de gênero muitas vezes nós não diferenciamos as individualidades dessas mulheres, então esta foi uma personagem que me possibilitou além do debate de gênero no Jornalismo Esportivo trazer também o debate racial.

No dia 23 de outubro de 2021 conversei com a ex-assistente de arbitragem do quadro CBF Raquel Barboza. A Raquel não foi uma fonte pensada logo no início da minha montagem de pauta. Por ter descartado a entrevista da Deborah Cecília (árbitra em atuação) resolvi procurar a Raquel, que passou por episódios de machismo enquanto atuava como assistente e também por eu ter a possibilidade de entrevistá-la pessoalmente, já que ela reside em Maceió. Foi uma contribuição incrível, a Raquel esclareceu muitas situações e trouxe exemplos do machismo sofrido nas partidas. A minha conversa com ela durou 45 minutos.

Ainda em outubro, no dia 25, fiz a entrevista com a Camilla Garcia, narradora do Grupo Disney. O meu primeiro contato com a Camilla foi no dia 5, onde decidimos a melhor forma para realizar a entrevista, em casos onde a entrevistada não pudesse ter a conversa pelo *Zoom* sugeri o envio das perguntas para recebimento das respostas em áudio através do *WhatsApp*, foi o que aconteceu no caso da Camilla. Pela agenda de jogos que ela vem realizando a mesma não poderia ter essa reunião por videoconferência, assim no dia 5 eu enviei as perguntas e no

dia 25 ela me encaminhou as respostas através de arquivo de áudio com as respostas em dois arquivos diferentes. As respostas foram gravadas fora do aplicativo do *WhatsApp*, em um programa do próprio smartphone. Ela me falou sobre o espaço da mulher na narração, os desafios e o atual cenário onde as emissoras vão admitindo mulheres nessa função.

No dia 10 de outubro de 2021, fiz a última entrevista da reportagem sobre Mulheres na Arbitragem, quando conversei com a pesquisadora e professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Ludmila Mourão, que teve duração de 1 hora e 55 minutos. A professora Ludmila surgiu para mim nas minhas pesquisas sobre mulheres na arbitragem de futebol, por conta de artigos e orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso sobre o tema. Debates sobre os dados que representam a desigualdade de gênero nesse espaço, as escalas de arbitragem e a trajetória que essas mulheres enfrentam para poder se manter nesses quadros. Foi uma fonte essencial para o desenvolvimento do roteiro desta reportagem, pois a professora possui muitas pesquisas e pode me ajudar com informações importantes sobre o tema.

Já no dia 18 de novembro de 2021, reta final das entrevistas, ouvi a pesquisadora e professora da Universidade Federal de Alagoas, Lídia Ramires. Durante as minhas pesquisas houve muita dificuldade em encontrar alguém que pesquisasse especificamente esse espaço de narração e comentários de mulheres no Jornalismo Esportivo, a grande maioria dos artigos sobre desigualdade de gênero eram no viés geral da editoria, o que não era o meu foco. A minha abordagem foi debater essas duas funções e porque elas evidenciam ainda mais o machismo cultural e estrutural da editoria de esportes. Por isso, a maneira de ter uma fonte especialista, como nas demais pautas da série, foi entrevistar a minha orientadora deste projeto, que está justamente pesquisando e produzindo sobre essa temática.

A última entrevista do projeto foi realizada também no dia 18, quando conversei com a jogadora de futebol Daiane Silva. Com a Daiane eu tinha a possibilidade de fazer a entrevista presencial, pelo fato dela residir em Maceió. A minha sugestão era acompanhar um treino dela, onde poderíamos conversar antes ou depois da atividade. Mas como na semana que eu precisava fazer a entrevista para começar o roteiro não teria treino a entrevista foi realizada através do aplicativo do *WhatsApp*, pois a Daiane não poderia fazer pela plataforma do *Zoom*. Mas como eu gostaria de fazer uma entrevista descobrindo também um pouco mais sobre a trajetória dela, já que não tinha um conteúdo prévio sobre ela para analisar, eu fui fazendo as perguntas de acordo com as respostas dela, e com um roteiro de perguntas do lado. Então o assunto da nossa conversa que durou 1 hora foi sobre a história dela com a prática do futebol, os desafios e os sonhos como jogadora.

Encontrei algumas dificuldades com as fontes para entrevista, a primeira foi na pauta de arbitragem onde um dos meus desejos era entrevistar a árbitra Edina Alves Batista, que é a única mulher árbitra central nas escalas da série A do Campeonato Brasileiro, a procurei através da assessoria de comunicação da Federação Paulista de Futebol onde o retorno foi a impossibilidade por agenda. Na pauta das narradoras e comentarista, busquei inicialmente a Ana Thais Matos, que é uma pioneira, a única alternativa era por redes sociais, mas não obtive sucesso. Na mesma pauta procurei a Isabelly Moraes (narradora da Band) e a Natália Lara (narradora do Grupo Globo), onde não tive retorno algum das partes. Mesmo com essas situações, redirecionei as fontes e consegui o material desejado em cada pauta.

4.4 Redação para Radiojornalismo

Depois de realizada algumas das entrevistas iniciei o processo de decupagem no dia 19 de outubro. Comecei ouvindo o material que já tinha gravado até essa data e com o decorrer das demais entrevistas dei prosseguimento às decupagens. Essa parte é importante para que seja aproveitado o melhor de cada material, então ouvi atentamente todas as gravações e fui anotando com uma frase que resumisse o assunto do trecho decupado para quando eu começasse o roteiro, iniciado somente depois de todas as entrevistas de cada pauta serem concluídas, não precisasse ouvir tudo novamente. A preocupação com essa minutagem das gravações é primordial para a organização até mesmo da otimização do tempo na construção do roteiro e posteriormente da edição. A etapa de decupagem foi totalmente concluída no dia 19 de novembro.

Com isso, parti para a principal etapa da produção dessa série: a montagem do roteiro. Ser roteirista no rádio é ser um bom ouvinte de diálogos, para poder converter as sonoras captadas em um produto onde o áudio soe de forma natural, coerente e autêntica. É preciso escrever e ouvir-se falando aquelas palavras para encontrar a montagem ideal do texto que será transmitido ao ouvinte. Kaplún (2017) diz que não podemos esquecer que a linguagem falada é diferente da escrita, em um veículo como o rádio é essencial ser um bom ouvinte dos seus personagens como parte do processo.

O ouvido lhe dirá onde colocar com mais naturalidade o sujeito, o verbo, o predicado; se um adjetivo soa com mais força e beleza verbal colocando-o antes de um substantivo ou colocando-o depois deste. Ouça não só as palavras, mas também as inflexões, as ênfases, os matizes: busque não somente os vocábulos mais simples, mas também os mais quentes auditivamente (KAPLÚN, 2017, p. 248)

Durante a organização do meu roteiro de reportagem decidi a ordem com que cada uma seria apresentada. Como estou falando de Futebol, um esporte com tantas faces e momentos decidi traçar muito bem a linha de apresentação das minhas reportagens dentro da série. A ideia é que o ouvinte faça uma viagem desde as arquibancadas, com as torcedoras, passando pelo campo com o futebol de mulheres e a arbitragem até as cabines de transmissão com as narradoras e comentaristas.

Apesar do domínio do assunto, diante da vivência anterior com as temáticas e até mesmo algumas fontes, escrevi e reescrevi o roteiro várias vezes, diminuindo frases, mastigando um pouco mais determinados detalhes, tanto pela linguagem do rádio em específico como pela questão do tempo que deveria ser trabalhado, para que o essencial da abordagem fosse apresentado. Como desejei fazer um resgate histórico da participação dessas mulheres nesses espaços a introdução foi algo que refiz diversas vezes para que não ficasse longa com todos os detalhes, visto que não eram histórias recentes e curtas, mas que também não deixasse de lado fatos históricos importantes.

No rádio o roteiro é muito mais que o texto, é a explanação das ideias de construção de uma história a ser contada. O domínio técnico desse formato deve aparecer no roteiro. A minha experiência como estagiária em rádio, com produções de reportagens no formato, bem como as disciplinas de radiojornalismo do curso, foram primordiais para que eu tivesse a compreensão de todas as exigências de um roteiro radiofônico. Imaginar o produto final com o BG, faixas de som, introdução e conclusão das reportagens demanda tempo do roteirista, no rádio roteirizar é dar tom ao texto.

Repetimos mais uma vez que a linguagem radiofônica não se compõe somente de palavras, mas também de música e efeitos sonoros. O roteiro de rádio, portanto, não é somente texto, mas também o planejamento de uma estrutura sonora, de uma “faixa de som”, para utilizar a terminologia de cinema. O roteirista deve indicar com a maior precisão possível os sons, os comentários musicais. E para isso, é preciso que os conheça. (KAPLÚN, 2017, p. 252)

Ademais, a série de reportagens “Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol” ficou dividida em quatro episódios e as seguintes abordagens:

- a. Arquibancada e os Movimentos Femininos: discute a presença de mulheres nos estádios, o enfrentamento ao machismo e a resistência através de coletivos feministas.
- b. Mulheres na Arbitragem: aborda a história das mulheres como árbitras centrais e assistentes e o espaço da mulher na arbitragem, quadros e escalas de trabalho.

- c. O Futebol Feminino no Brasil: discute a profissionalização na prática, bem como os fatores que revelam o desenvolvimento lento do futebol feminino no Brasil.
- d. A voz é delas - Mulheres na Narração e nos Comentários: aqui discutimos a ocupação tardia das mulheres nessas funções, mesmo com a presença na editoria já ser uma realidade a opinião e a contação de momentos ainda não.

4.5 Montagem e edição

Os roteiros começaram a ser escritos no dia 3 de novembro, com a primeira pauta da série, a de Torcedoras e os Coletivos. A partir dessa data até o dia 19 do mesmo mês todos os roteiros foram construídos. Para a elaboração do roteiro da série foram levados em consideração a abordagem inicial, apresentada na pauta, mas com pequenas modificações a partir do material coletado nas entrevistas e das documentações durante as pesquisas. Isso foi necessário para que os dados apresentados tivessem confirmação através das falas das personagens.

Como a maioria das minhas entrevistas foram longas e com bastante material recolhido pelas falas das entrevistadas, o roteiro teve que seguir o princípio do tempo dentro do rádio. Não se pode evitar saber quanto minutos se tem para trabalhar as abordagens, não deixando de falar o que se propõe mas tendo também que deixar de fora muito material.

Apesar disso houve satisfação com o material decupado dentro dos levantamentos trazidos no texto. Com a construção do roteiro fui já minutando tanto o tempo das sonoras como o tempo dos *offs* a serem narrados por mim enquanto locutora desta série.

Com isso, durante todo o processo trabalhei com consciência do tempo, fazendo recortes em determinados parágrafos, encurtando períodos e inclusive recortando mais as sonoras das fontes, tirando repetições e alguns silêncios que não interviam no sentimento das falas. Tudo isso me fez ganhar tempo para conseguir trazer mais discussões dentro das temáticas.

Depois dos roteiros já finalizados, com uma minutagem dentro do tempo estipulado para o projeto, deixando espaços de tempos para trabalhar os efeitos sonoros, parti para o passo seguinte que foi a gravação em estúdio da locução.

Essa etapa de gravação dos *offs* foi realizada em um único dia, 20 de novembro de 2021, nos estúdios da *Rádio Difusora de Alagoas*. A possibilidade de gravar em um estúdio profissional se deu pela minha relação com a emissora, onde trabalhei como comentarista e repórter esportiva. Com isso pude entregar uma qualidade sonora na locução, com o auxílio do operador de áudio Jorge Martinho, funcionário da rádio.

Após a gravação continuei o trabalho de montagem, pensando nos elementos sonoros que entrariam nas reportagens, registros históricos que valeriam a pena trazer por exemplo. Feito isto, somente no dia 4 já no mês de dezembro de 2021, voltei a me reunir com Jorge Martinho para a montagem e edição do material. Na semana anterior a esse encontro fiz os cortes nas sonoras, através do programa *Audacity*, onde pude executar os recortes mais brutos e também compactar melhor essas sonoras, recortando repetições e deixando os áudios mais limpos e objetivos, para dinamizar as falas.

Para a montagem e edição desta série de reportagens foram utilizados os programas *Sound Forge Audio Studio 15* e *Samplitude Pro X2*. Na montagem além dos *offs* e sonoras foram inseridos alguns recortes de arquivos que pudessem ambientar as reportagens, foi o caso da abertura no segundo episódio com recortes de momentos marcantes do futebol feminino, a carta lida por Lea Campos durante evento do Museu do Futebol apresentada no terceiro episódio no tema de arbitragem e uma narração de gol feita pela narradora Camilla Garcia que aparece no quarto episódio na pauta de narradoras e comentaristas.

A série de reportagens teve uma duração total de trinta minutos, com cada episódio tendo em média sete minutos e trinta segundos.

5. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Desde o início da produção e as marcações de entrevistas, o principal obstáculo foi de fato conseguir determinadas fontes, não obtive retorno de alguns nomes pioneiros e de destaque nessas áreas. A impossibilidade dessas entrevistas causou um pouco de decepção já que tais fontes teriam um peso dentro do projeto, porém com tais baixas e o prosseguimento nas pesquisas encontrei outras grandes mulheres, com histórias e caminhadas marcantes que contribuíram de forma singular com suas vivências e posicionamentos sobre os temas.

Durante a construção do roteiro passei por outro empasse, o da ausência de dados recentes que destacassem as problemáticas das questões que partiam da minha percepção sobre os fatos, mas que não haviam referenciais em pesquisas para serem apresentados. Foi o caso das violências praticados nos estádios, não há registros sobre esses acontecimentos, o que é um absurdo e coloca em margem as ocorrências passadas ali. Bem como a não atualização no site da CBF do quadro nacional de arbitragem, foi necessário utilizar um dado de 2019 para fazer o comparativo de desigualdade de gênero nas duas principais funções.

Nas demais reportagens consegui os dados desejados, na pauta sobre futebol feminino haviam pesquisas que foram divulgadas em grande escala a partir de 2019, muito por conta do sucesso da Copa do Mundo Feminina na França, e no caso das narradoras e comentaristas como partiu da análise sobre o discurso machista sobre as duas funções de destaque aos registros históricos, datas de inserções por exemplo e principais personagens e barreiras.

Na parte técnica, por conta dos diferentes formatos de entrevistas adotados e diferentes equipamentos usados em cada entrevista, não foi possível adotar um padrão de áudio nas sonoras. No caso das entrevistas realizadas por videoconferência em alguns momentos aparecem ruídos do contato com o microfone ou distorções por conta da conexão à internet. Com isso o tratamento dos cortes em cima das sonoras que apresentavam alguns desses problemas foi um pouco maior e mais delicado, tentando ao máximo não interferir no conteúdo. Já na ocasião das entrevistas feitas por *WhatsApp* alguns sons ambientes aparecem nas falas, o que me incomodou, mas no resultado final não é algo que sobressaia ao conteúdo.

Mesmo diante desses detalhes fiquei extremamente satisfeita com o resultado final da série, inclusive com a forma de apresentar esse produto, pois a ordem para escuta também conta uma história e proporciona uma experiência.

Para o resultado final desse projeto houve a preocupação em trazer fatos, momentos históricos e vivências passadas e atuais sobre um mesmo problema, em esferas distintas, para que os ouvintes desta produção possam refletir que não é mais aceitável defender a afirmação

de que “o futebol não é lugar de mulher”. Tentaram fazer com que não fosse, e mesmo com isso há décadas e desde o início da história geral do futebol elas estão lá, torcendo, jogando e trabalhando com futebol.

O que se conclui a partir do roteiro e montagem dessa série de reportagens é que os anos de proibição da prática esportiva por mulheres, que vale salientar só foi imposta porque as mulheres já estavam se movimentando e organizando dentro da prática, foi uma tentativa de silenciar-las. Tais proibições refletem até os dias atuais na luta por igualdade de gênero e oportunidades dentro dessas áreas aqui apresentadas e de tantas outras.

A imagem da mulher na sociedade é uma construção machistas acerca do corpo e das trajetórias femininas, impondo a elas espaços específicos dentro de um patriarcado público, e sempre que possível reiterando quais as condições para que elas ali estejam. Simone de Beauvoir defende em sua obra que a diferença entre homem e mulher caracterizada na sociedade não se trata de um fator biológico e sim cultural.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1980, p. 9).

O objetivo central dessa série de reportagens foi levar ao rádio, importante veículo de comunicação principalmente diante do seu caráter popular, uma discussão necessária aos ouvidos da sociedade em geral. É necessário apresentar a história, como se deu e como está sendo construída a participação de mulheres dentro do esporte mais popular do país.

Durante minha trajetória no rádio esportivo vivenciei o quanto a ausência de determinadas informações e discussões reflete em comportamentos machistas, e que com as minhas falas, mesmo que solitárias em muitos momentos percebi que somos capazes de falar sobre tais assuntos no rádio e não somente em outros veículos.

E como objetivos específicos consegui apresentar a história da participação de mulheres dentro do futebol, uma história vasta onde busquei trazer os principais pontos e valorizar as mulheres pioneiras nessas caminhadas. Além de evidenciar os problemas que persistem nas trajetórias femininas, mas que se enfraquecem a partir da união dessas mulheres em prol de mudança.

Vale salientar que a participação das mulheres no futebol não deve ficar restrita a uma presença, que na maioria das vezes é apresentada como exceção, como se houvesse a cota feminina nesses espaços. Que não fiquemos sempre em menor número e longe do

protagonismo, para isso é preciso refletir que ainda há muito o que conquistar para atingirmos o mínimo que é uma presença igualitária, para que possamos sonhar com a equidade dentro desse território.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando trazemos à tona um histórico da presença feminina no futebol, seja torcendo para um clube, seja apitando e bandeirando jogos, seja lutando para jogar ou narrando e comentando partidas, entendemos que mesmo diante de proibições, violências e um machismo estrutural que parece nunca ter fim, as mulheres sempre fizeram parte desse território.

Não se trata de uma presença estranha, é uma presença que tentou ser apagada, que tentou ser evitada, mas que sempre esteve ali. Trago tal fato nas introduções dessas reportagens, há décadas as mulheres quebram barreiras no futebol e o que deve nos causar estranhamento é ainda existir a necessidade de tais lutas.

Inclusive durante minhas pesquisas, através de documentações e registros encontrei o pioneirismo de muitas mulheres em épocas bem mais sombrias, e que são desconhecidas entre os próprios interessados pela temática. Isso para mim só evidenciou o quanto nós ainda desconhecemos a história da participação feminina no futebol. E se tornou ainda mais importante poder fazer parte desses registros e quem sabe até facilitar esse acesso, com uma linguagem radiofônica que conecta e conquista pessoas, através de um produto que pode ser acessado a qualquer momento.

Por isso trazer essa temática, com um protagonismo total de mulheres, desde fontes cotidianas até fontes especialistas, é parte de um processo que busca dar protagonismo as mulheres no futebol. Enquanto jornalista busquei a todo momento não somente seguir as técnicas de produção e execução de uma reportagem mas agir também como comunicadora social e levar a reflexão sobre os problemas enfrentados pelas mulheres nessa esfera pública.

Saberes cotidianos que orientam e se orientam na cultura e fazem parte do acervo dos conhecimentos socialmente construídos e culturalmente legitimados que ajudam a informar os sujeitos (e também os jornalistas) na contemporaneidade, através do jornalismo e da mídia como uma instância pedagógica (VEIGA DA SILVA, 2014, p. 325).

Depois de muitas pesquisas e das entrevistas realizadas concluí que meu papel enquanto mulher dentro do jornalismo esportivo é dar voz e protagonismo a essas e tantas outras mulheres que passaram pelo futebol, contribuindo com cada conquista e também para as muitas que virão a partir desses exemplos em busca de novos e grandiosos feitos. Que *Contra-Ataque: Mulheres e o Futebol* possa ser mais uma fonte de inspiração para que as mulheres sigam pesquisando e produzindo sobre futebol nas universidades e na vida. Como frisado na epígrafe deste trabalho que através das minhas colocações e lutas outras mulheres possam ir além dentro e fora do futebol.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO. **Mulheres no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Abraji, 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIROLI, Flávia. **Gênero e Desigualdades**: os limites da democracia no Brasil. São Paulo, Boitempo, 2018.

CAMPOS, A. Entrevista Léa Campos. Entrevistadora: Silvana Goellner. Produção: Museu do Futebol. 107 min., som, color. São Paulo: Museu do Futebol, 2015.

ESPORTE ESPETACULAR. Torcedoras contam situações em estádios e lutam por igualdade de gênero. 8 de mar. 2020. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8382741/>. Acesso em: 9 nov. 2021.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FILHO, Paulo César. **Sobre a origem da palavra torcedor**. Jornalheiros. 14 ago. 2017. Disponível em: <http://jornalheiros.blogspot.com/2011/10/origem-da-palavra-torcedor-por-luiz.html>. Acesso em: 29 nov. 2021.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é "coisa para macho"?**: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista brasileira de história, v. 25, n. 50, p. 315-328, dez., São Paulo: 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: descontinuidades, resistências e resiliências. Movimento (Porto Alegre), v. 27, e27001, jan./dez. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 24 nov. 2021.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: <file:///C:/Users/Admin/Downloads/16590-Texto%20do%20artigo-19740-1-10-20120522.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2021.

JANUÁRIO, Soraya Barreto. **Modos de ver**: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte. XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo; Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/GV4vkW>. Acesso em: 24 out. 2021.

KAPLÚN, Mario. **Produção de programas de rádio**: do roteiro à direção. Florianópolis: Editora Insular, 2017.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

MENDONÇA, Renata. **Ana Thais na Globo**: por que é importante ter mulheres comentando futebol?. 09 set. 2019. Disponível em:

<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/09/09/ana-thais-na-globo-por-que-e-importante-ter-mulheres-comentando-futebol/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

MENDONÇA, Renata. **Para além das encaradas**: vida de árbitra tem até sabotagem em teste físico. 12 set. 2019. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/02/12/para-alem-das-encaradas-vida-de-arbitra-tem-ate-sabotagem-em-teste-fisico/>. Acesso: 23 nov. 2021.

MONTEIRO, I. C.; SOARES, J. P. F.; MOURÃO, L. Saindo da “posição de impedindo” as árbitras brasileiras no futebol profissional. In: Anais XIX CONBRACE e VI CONICE, Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/viewFile/6875/3636>. Acesso: 5 nov. 2021.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. 4. ed. Summus: São Paulo, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil: Fragmentos de História**. Revista USP, [S. l.], n. 56, p. 66-85, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i56p66-85. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33808>. Acesso em: 25 nov. 2021.

PARADA, Marcelo. **Rádio**: 24 horas de jornalismo. São Paulo: Editora Panda, 2000.

PRADO, Emilio. **Estrutura da informação radiofônica**. São Paulo: Summus, 1989.

RAGO, M. (1997). Trabalho feminino e sexualidade. In: M. Del Priore (org.); C. Bassanezi (coord. de textos). p. 578-606. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto.

RAMIRES, Lídia. **Mulheres jornalistas esportivas e mercado de trabalho**: quem (não) as deixa trabalhar?. Revista Katálysis, v. 23, n.3, p. 501-509, out. 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p501>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/ch7NpgzJVxjhXthwHzYFdRN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 nov. 2021

SCOTT, J. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez., 1995.

SOARES, Edileuza. **A Bola do Ar**. São Paulo: Summus, 1994.

SPONHOLZ, L. **Neutralizando conhecimento**: como jornalistas lidam com experts. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 23, n. 3, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/5422>. Acesso em: 8 dez. 2021.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino o gênero do jornalismo**: modos de produção das notícias. v. 8. Florianópolis: Insular, 2014.

WALBY, Sylvia. **Theorizing Patriarchy**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

ZIRPOLI, Cassio. **As 18 maiores torcidas femininas do Brasil:** pesquisa estima 78 milhões de torcedoras. 8 mar. 2021. Disponível em: <https://cassiozirpoli.com.br/pesquisa-entre-mulheres-aponta-78-milhoes-de-torcedoras-segundo-o-datafolha/>. Acesso em: 3 nov. 2021.

APÊNDICES

RETRANÇA: TORCEDORAS/MACHISMO ARQUIBANCADA
REPÓRTER: MILENNA ALVES

PROPOSTA:

AQUI VAMOS FALAR SOBRE A REALIDADE DAS ARQUIBANCADAS DE FUTEBOL EM RELAÇÃO A PRESENÇA DE MULHERES NAS TORCIDAS. ATRAVÉS DE DADOS SOBRE O PÚBLICO FEMININO NOS ESTÁDIOS VAMOS OUVIR SOBRE O QUE AFASTA AS MULHERES DO ESPETÁCULO DO FUTEBOL E A RESISTÊNCIA DAS QUE LUTAM CONTRA O MACHISMO NOS JOGOS.

ATRAVÉS DOS MOVIMENTOS FEMINISTAS DE TORCIDAS NORDESTINAS VAMOS ENTENDER A IMPORTÂNCIA DESSES GRUPOS PARA A INSERÇÃO E LEGITIMAÇÃO DE MULHERES NESSES ESPAÇOS E OS PROBLEMAS ENFRENTADOS.

COM AS TORCEDORAS VAMOS OUVIR SOBRE AS MOTIVAÇÕES QUE AS LEVARAM A CRIAR OS MOVIMENTOS, AS EXPERIÊNCIAS COM AS ARQUIBANCADAS, AS PRINCIPAIS REINVIDICAÇÕES E QUAL A IMPORTÂNCIA DE COLETIVOS FEMININOS.

COM A PESQUISADORA SORAYA BARRETO É IMPORTANTE OUVIR SOBRE O PERFIL DESSAS MULHERES QUE OCUPAM AS ARQUIBANCADAS, VAMOS SABER SE HOVE MUDANÇAS HISTÓRICAS NESSE PERFIL E O QUE ESSES DADOS DIZEM. VAMOS SABER TAMBÉM A VISÃO DA PESQUISADORA SOBRE OS COLETIVOS FEMININOS QUE SURGIRAM NOS ÚLTIMOS ANOS.

FONTES COTIDIANAS:

AMANDA BALBINO - REPRESENTANTE DO AZULÃO ANTIFASCISTA
MAYARA CAVALCANTE - REPRESENTANTE DO EMPODERA AZUL
PRETA BELARMINO - TORCEDORAS DO LEÃO

FONTE ESPECIALISTA:

SORAYA BARRETO - PESQUISADORA E AUTORA DO LIVRO MULHERES NO CAMPO - O ETHOS DA TORCEDORA PERNAMBUCANA

DADOS:

A ÚLTIMA PESQUISA NACIONAL DE TORCIDA FOI PRODUZIDA PELO DATAFOLHA, EM 2019. DEPOIS, OS ESTUDOS DE CAMPO FORAM SUSPENSOS DEVIDO À PANDEMIA DA COVID-19. ASSIM, O LEVANTAMENTO DO INSTITUTO PAULISTA SEGUE ATUAL, MENSURANDO OS PERFIS DAS TORCIDAS DO BRASIL. NESTA PUBLICAÇÃO, FOCO NAS TORCIDAS FEMININAS NO FUTEBOL.

AS MULHERES SÃO MAIORIA NA POPULAÇÃO NACIONAL, COM 52,4%, CONSIDERANDO A ESTIMATIVA DO IBGE NO RESPECTIVO ANO. OU SEJA, SÃO 110,24 MILHÕES DE MULHERES, COM 71% DELAS INSERIDAS DE FORMA DIRETA NO FUTEBOL, COM PREFERÊNCIA CLUBÍSTICA. PORTANTO, EXISTEM 78,27 MILHÕES DE TORCEDORAS, NUMA PROJEÇÃO DO BLOG SOBRE OS DADOS OFICIAIS DO DATAFOLHA. A TORCIDA MASCULINA NO PAÍS SOMA 85,91 MILHÕES, COM 86% DESTE PÚBLICO TORCENDO POR ALGUM CLUBE.

SUGESTÕES DE SOM:

*BARULHO DE TORCIDA

*FALAS OUVIDAS PELAS TORCEDORAS (GRAVAÇÃO COM VOZ MASCULINA)

RETRANCA: MULHERES/ARBITRAGEM
REPÓRTER: MILENNA ALVES

PROPOSTA:

NESTA REPORTAGEM VAMOS TRATAR SOBRE AS PERSONAGENS MULHERES NA ARBITRAGEM DE FUTEBOL NO BRASIL. VAMOS FALAR SOBRE A VIVÊNCIA DESSAS PROFISSIONAIS, OS DESAFIOS DE TRABALHAR EM UM AMBIENTE DE MAIORIA MASCULINA, ALÉM DE DEBATER SOBRE OS ESPAÇOS DE ATUAÇÃO.

AS MULHERES AINDA SÃO MINORIA NA ARBITRAGEM DE FUTEBOL NO BRASIL, MESMO TENDO ALGUNS NOMES QUE CONQUISTARAM ESPAÇO E RELEVÂNCIA NO MEIO. ATRAVÉS DAS ENTREVISTAS REALIZADAS E DADOS DISPONÍVEIS VAMOS BUSCAR ENTENDER PORQUE POUCAS MULHERES CONSEGUEM ASCENSÃO NA PROFISSÃO, CHEGANDO AO QUADRO FIFA E COMPETIÇÕES DE DESTAQUE, E PORQUE AINDA NÃO SÃO TIDAS COMO REALIDADE PARA JOGOS IMPORTANTES E DECISIVOS. NESSE CENÁRIO VAMOS BUSCAR MATERIAL JUNTO AOS REGISTROS SOBRE AS OPORTUNIDADES CONCEDIDAS ÀS PROFISSIONAIS MULHERES DO QUADRO DAS INSTITUIÇÕES.

.COM A DEBORAH CECÍLIA QUE É ÁRBITRA CENTRAL FIFA VAMOS SABER DA ESCOLHA PELO APITO, PORQUE TEMOS POUCAS MULHERES NESSA FUNÇÃO E TENTAR OUVIR SOBRE AS ESCALAS DE ARBITRAGEM.

COM A RAQUEL BARBOSA VAMOS CONVERSAR SOBRE AS DIFICULDADES, OS CASOS DE ASSÉDIO DENTRO E FORA DE CAMPO, ALÉM DA EXPERIÊNCIA COMO ASSISTENTE E O BALANÇO SOBRE AS OPORTUNIDADES ENQUANTO ESTEVE EM ATUAÇÃO.

COM A CLÁUDIA É IMPORTANTE OUVIR SOBRE O INÍCIO DAS MULHERES NA ARBITRAGEM OUVIR ACONTECIMENTOS DA ÉPOCA E SABER COMO ELA ENXERGA AS MULHERES NA ARBITRAGEM ATUALMENTE.

COM A PROFESSORA LUDMILLA É IMPORTANTE SABER DAS ANÁLISES SOBRE A ATUAL SITUAÇÃO DAS MULHERES NA ARBITRAGEM E PORQUE NESSA CATEGORIA A PRESENÇA DE MULHERES AINDA CAMINHA LENTAMENTE. VAMOS SABER DESSA ANÁLISE SOBRE FUNÇÕES PRINCIPAIS E INTERMEDIÁRIAS.

FONTES COTIDIANAS:

DEBORAH CECÍLIA - ÁRBITRA DA FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE FUTEBOL
RAQUEL BARBOSA - EX ASSISTENTE DE ARBITRAGEM
CLÁUDIA DE VASCONCELOS GUEDES - EX ÁRBITRA DE FUTEBOL

FONTES ESPECIALISTAS:

LUDMILA MOURÃO PESQUISADORA E PROFESSORA DA UFJF

DADOS:

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS ESCALAS DE ARBITRAGEM PASSOU DE 4,47% EM 2009 PARA 16,8% EM 2020, DE ACORDO COM UM LEVANTAMENTO REALIZADO PELA CBF, QUE COMPREENDE PARTIDAS DA BASE E DAS QUATRO DIVISÕES PROFISSIONAIS DO FUTEBOL BRASILEIRO. A LINHA QUE DESDE 2015 APRESENTA UM CRESCIMENTO LENTO, PORÉM CONSTANTE, APONTA PARA UM FUTURO COM MAIS MULHERES COM APITOS E BANDEIRAS NA MÃO. EM ENTREVISTAS AO GLOBO, AS PRINCIPAIS ÁRBITRAS EM ATIVIDADE NO BRASIL AFIRMAM QUE, EM UMA PROFISSÃO AINDA DOMINADA PELOS HOMENS, OPORTUNIDADE É A PALAVRA-CHAVE.

NO ÚLTIMO ANO, FORAM REALIZADOS 2.383 JOGOS — SENDO QUE CADA PARTIDA PODE TER ATÉ SETE ÁRBITROS E ASSISTENTES, COMO NA SÉRIE A, POR CAUSA DA CABINE DO VAR.

EM 924 DESSES JOGOS, PELO MENOS UMA MULHER ATUOU COMO ASSISTENTE E EM 189 COMO ÁRBITRAS CENTRAIS. EM 2020, MULHERES TRABALHARAM EM 519 DOS 1030 JOGOS DISPUTADOS ATÉ O INÍCIO DESTE MÊS. A SÉRIE D É ONDE ELAS MAIS SÃO ESCALADAS.

A PARTIR DE 2002, AS EXIGÊNCIAS DE PREPARO PARA ARBITRAGEM AUMENTARAM. AS PROVAS FÍSICAS PASSARAM A TER TESTES QUE INCLUEM SEIS CORRIDAS DE 40 METROS, SEGUIDAS DE OUTRAS 40 CORRIDAS DE 75 METROS. COM O NOVO REGULAMENTO, DIVERSAS MULHERES ACABARAM NÃO CONSEGUINDO PASSAR NOS ÍNDICES EXIGIDOS EM TORNEIOS MASCULINOS E FICARAM RESTRITAS ÀS COMPETIÇÕES FEMININAS.

HISTÓRIA:

AS MEMÓRIAS DA PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO ESPORTE SÃO CURTAS E RARAS. NA ARBITRAGEM, O QUE SE SABE É QUE A PRIMEIRA MULHER A ATUAR NESTA FUNÇÃO FOI A BRASILEIRA LÉA CAMPOS. A MINEIRA SE FORMOU EM EDUCAÇÃO FÍSICA E CONSEGUIU FAZER UM CURSO DE ARBITRAGEM NA DÉCADA DE 70, QUANDO O FUTEBOL AINDA ERA UM ESPORTE PROIBIDO POR LEI PARA MULHERES NO BRASIL. PORÉM, LÉA FOI ALÉM, CONSEGUIU LICENÇA PARA ATUAR EM ALGUNS ESTADOS E AINDA RECEBEU A CHANCELA DA FIFA EM SEU DIPLOMA EM 1971.

LÉA AINDA APITOU ALGUNS JOGOS DE FUTEBOL MASCULINO NO BRASIL E DEIXOU SEU NOME NA HISTÓRIA COMO POSSIVELMENTE A PRIMEIRA MULHER A CONSEGUIR TAL FEITO. O PAÍS DO FUTEBOL SÓ VOLTOU A TER REPRESENTAÇÃO FEMININA NA ARBITRAGEM COM SILVIA REGINA, EM 2003, AO LADO DAS ASSISTENTES ANA PAULA OLIVEIRA E ALINE LAMBERT. ESSE TRIO, INCLUSIVE, CHEGOU A APITAR JOGOS DA SÉRIE A DO BRASILEIRO E ATÉ DA COPA SUL-AMERICANA.

SUGESTÕES DE SOM

*ÁUDIO LEA CAMPOS PARA O MUSEU DO FUTEBOL (LEITURA DA CARTA ASSINADA POR MÉDICI)

RETRANCA: FUTEBOL FEMININO
REPÓRTER: MILENNA ALVES

PROPOSTA:

NESTA REPORTAGEM VAMOS FALAR SOBRE O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. VAMOS ABORDAR A SITUAÇÃO DA PRÁTICA DO FUTEBOL LEVANTANDO PONTOS SOBRE A PROFISSIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA, AS COMPETIÇÕES E INCENTIVOS A ESSA CATEGORIA.

A INTENÇÃO É IR ALÉM DOS RELATOS DE PRECONCEITO E OUVIR COMO CONSTRUIR UMA IGUALDADE E MELHORES CONDIÇÕES PARA QUE MAIS MENINAS POSSAM VIVER DO FUTEBOL COMO ACONTECE NO FUTEBOL MASCULINO, E PARA QUE A CATEGORIA SEJA VALORIZADA NA MESMA ESCALA. PARA ISSO VAMOS OUVIR PERSONAGENS FEMININAS QUE ATUAM EM TRÊS ÁREAS IMPORTANTES NESSE PROCESSO POR MELHORES CONDIÇÕES.

COM A DAIANE SILVA VAMOS OUVIR SOBRE A JORNADA DA MULHER ENQUANTO ATLETA DE FUTEBOL. OS PROBLEMAS NOS CLUBES DE MENOR ESTRUTURA E AS DIFICULDADES DA CATEGORIA.

COM ANA LORENA MARCHE (COORDENADORA DE FUTEBOL FEMININO DA FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL) É IMPORTANTE SABER SOBRE O CALENDÁRIO DE COMPETIÇÕES, A IMPORTANTE DE TER TORNEIOS EM MUITAS CATEGORIAS E O TRABALHO COM AS DIVISÕES DE BASE DOS CLUBES. ALÉM DA VISÃO SOBRE TER MULHERES EM CARGOS DE DIREÇÃO DENTRO DA MODALIDADE.

COM A LINDSAY CAMILLA (TÉCNICA DE FUTEBOL FEMININO) VAMOS OUVIR SOBRE A MISSÃO DE TER MULHERES NO MAIOR CARGO TÉCNICO DE UM TIME FEMININO, DISCUTIR SOBRE AS OPORTUNIDADES PARA QUE OUTRAS CONSIGAM COMANDAR CLUBES DO FUTEBOL FEMININO E O PORQUÊ DE TERMOS POUCAS MULHERES TÉCNICAS E NOS CARGOS DE COMISSÃO. É IMPORTANTE SABER SE A TÉCNICA ACREDITA SER IMPORTANTE QUE MAIS MULHERES OCUPEM OS CARGOS.

FONTES COTIDIANAS:

DAIANE SILVA - JOGADORA DO ACAUÃ DELAS
LINDSAY CAMILLA - TÉCNICA DA FERROVIÁRIA

FONTE OFICIAL:

ANA LORENA MARCHE - COORDENADORA DE FUTEBOL FEMININO DA FPF

DADOS:

O FUTEBOL FEMININO JÁ É JOGADO NO BRASIL HÁ MAIS DE 100 ANOS. ENTRETANTO, FOI LEGALIZADO HÁ APENAS 26 ANOS. ANTES DISSO, ACREDITE, O JOGO ERA PRATICADO DE MANEIRA ESCONDIDA.

FOI SÓ NO ANO DE 1983 QUE SURGIRAM OS PRIMEIROS TIMES PROFISSIONAIS NO BRASIL: O RADAR, NO RIO DE JANEIRO E SAAD, DE SÃO PAULO. NA DÉCADA DE 1990, TIMES GRANDES COMEÇARAM A APARECER NO CENÁRIO FEMININO, COMO O SÃO PAULO E O SANTOS.

O PRIMEIRO CAMPEONATO BRASILEIRO DE FUTEBOL FEMININO ORGANIZADO PELA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL (CBF) ACONTECEU NO ANO DE 2013. HOJE, O CALENDÁRIO DO FUTEBOL FEMININO TAMBÉM CONTA COM A SEGUNDA DIVISÃO DO BRASILEIRO E TAMBÉM COM COMPETIÇÕES DE BASE, COMO O RECÉM-CRIADO BRASILEIRO SUB-18.

UM NOVO REGULAMENTO DA CBF DETERMINA QUE TODAS AS EQUIPES DA PRIMEIRA DIVISÃO DO CAMPEONATO BRASILEIRO MASCULINO PRECISAM TER UM TIME FEMININO ADULTO E, PELO MENOS, UMA CATEGORIA DE BASE.

ESSA DECISÃO SEGUE UMA ANTERIOR TOMADA PELA CONMEBOL, DE QUE É NECESSÁRIO TER ESSES TIMES FEMININOS PARA OS CLUBES ESTAREM HABILITADOS A PARTICIPAR DA LIBERTADORES E COPA SUL-AMERICANA. TAL MEDIDA É BASTANTE IMPORTANTE, POIS ELA FORÇA QUE OS TIMES DE MAIOR EXPRESSÃO DO PAÍS INVISTAM NO FUTEBOL FEMININO.

ATÉ 2017, NÃO HAVIA NENHUMA COMPETIÇÃO OFICIAL DE BASE PARA MULHERES. NO MESMO ANO, A FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL CRIOU O PAULISTA SUB-17.

A AUSÊNCIA COMPLETA DE TORNEIOS PROPORCIONOU EPISÓDIOS EM QUE EQUIPES FEMININAS TIVERAM QUE DISPUTAR TORNEIOS MASCULINOS PARA SE MANTER EM ATIVIDADE.

SELEÇÃO DE FUTEBOL FEMININO

A PRIMEIRA SELEÇÃO FEMININA FOI CONVOCADA PELA CBF NO ANO DE 1988. UMA CURIOSIDADE É QUE A SELEÇÃO FOI COMPOSTA APENAS POR JOGADORAS DO SUPRACITADO TIME RADAR. O CLUBE CEDEU 16 ATLETAS E ELAS CONSEGUIRAM VENCER A COMPETIÇÃO QUE FORAM DISPUTAR, A *WOMEN'S CUP OF SPAIN*, REALIZADA NA ESPANHA. ALIÁS, ESSE FOI O PRIMEIRO TÍTULO INTERNACIONAL CONQUISTADO PELA NOSSA SELEÇÃO.

A COPA DO MUNDO DE 1991 FOI A PRIMEIRA QUE ALCANÇOU NÍVEIS GLOBAIS E A SELEÇÃO BRASILEIRA PARTICIPOU. FOI REALIZADA NA CHINA E O BRASIL FICOU COM A NONA COLOCAÇÃO. QUEM ACABOU LEVANTANDO O CANECO FORAM AS NORTE-AMERICANAS.

EM 1996, A MODALIDADE FOI INCLUÍDA NAS OLIMPÍADAS, QUE ACONTECEU EM ATLANTA, NOS ESTADOS UNIDOS. A NOSSA SELEÇÃO FICOU COM A QUARTA COLOCAÇÃO. A PRIMEIRA MEDALHA EM COPAS DO MUNDO VEIO EM 1999, NOS ESTADOS UNIDOS. FICAMOS COM O TERCEIRO LUGAR. A GERAÇÃO QUE GARANTIU O BRONZE PARA A GENTE ERA FORMADA POR LENDÁRIAS JOGADORAS, ENTRE ELAS A HISTÓRICA SISSI, UMA DAS ARTILHEIRAS DO

TORNEIO, QUE INFELIZMENTE É MUITO MAIS RECONHECIDA FORA DO PAÍS DO QUE AQUI.

A COPA DAS COPAS

DEPOIS DISSO, A SELEÇÃO BRASILEIRA GANHOU OUTRAS DIVERSAS MEDALHAS EM PAN AMERICANO, OLIMPÍADAS E COPAS DO MUNDO. A COPA DE 2019, REALIZADA NA FRANÇA, FOI UM MARCO PARA A MODALIDADE. ISSO PORQUE FOI A PRIMEIRA VEZ EM QUE HOUVE UMA TRANSMISSÃO NA MAIOR TELEVISÃO ABERTA DO PAÍS E FOI A MAIS COMPRADA E ASSISTIDA DO MUNDO.

SUGESTÕES DE SOM:

*CORTES DE MOMENTOS IMPORTANTES DO FUTEBOL FEMININO (GOLS, TÍTULOS)

RETRANCA: JORNALISTAS ESPORTIVAS
REPÓRTER: MILENNA ALVES

PROPOSTA:

NESTA REPORTAGEM VAMOS TRAZER A SEGUINTE PERGUNTA “POR QUE HÁ POUCAS MULHERES NARRANDO E COMENTANDO NO FUTEBOL?”.

ATRAVÉS DAS NOSSAS FONTES COTIDIANAS VAMOS SABER DOS OBSTÁCULOS EM OCUPAR LUGAR DE DESTAQUE NAS TRANSMISSÕES, PORQUE ELAS ACREDITAM TER POUCAS MULHERES NESSES CARGOS E COMO ISSO PODE SER MUDADO. É IMPORTANTE OUVIR OS RELATOS QUE AS PERSONAGENS POSSAM EXPRESSAR SOBRE A REALIDADE DESSE MEIO PARA AS MULHERES.

COM A PESQUISADORA LÍDIA RAMIRES VAMOS SABER COMO A SOCIEDADE PODE LIMITAR O ESPAÇO DA NARRAÇÃO E DOS COMENTÁRIOS AOS HOMENS, JÁ QUE TEMOS MUITAS MULHERES NA FUNÇÃO DE REPORTAGEM MAS QUANDO SE TRATA DE NARRAÇÃO E COMENTÁRIO A SITUAÇÃO É BEM DIFERENTE. VAMOS ENTENDER COMO ESSE ESPAÇO É DELIMITADO E COMO ISSO AFASTA JORNALISTAS DO SONHO DE NARRAR E COMENTAR.

FONTES COTIDIANAS:

CAMILLA GARCIA - NARRADORA ESPORTIVA DO GRUPO DISNEY
RAPHAELLE SERAFIM - COMENTARISTA ESPORTIVA (CANALIS SPORTV)
RENATA MENDONÇA - COMENTARISTA ESPORTIVA (GRUPO GLOBO)

FONTE ESPECIALISTA:

LÍDIA RAMIRES - PESQUISADORA DA UFAL

DADOS:

NO BRASIL, O LEVANTAMENTO MAIS ATUALIZADO SOBRE A PRESENÇA FEMININA NO MERCADO DE TRABALHO É O RELATÓRIO DA PESQUISA *MULHERES NO JORNALISMO BRASILEIRO*, REALIZADA PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO (ABRAJI), PELA CONSULTORIA GÊNERO E NÚMERO, EM PARCERIA COM O *GOOGLE NEWS LAB*, COM O OBJETIVO MAPEAR O ASSÉDIO ÀS PROFISSIONAIS DE IMPRENSA, POR FONTES DE INFORMAÇÃO E NAS REDAÇÕES. O ESTUDO, INÉDITO NO PAÍS, SE DEU A PARTIR DE ENTREVISTAS COM GRUPOS FOCAIS DE JORNALISTAS EM SÃO PAULO, BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO E PORTO ALEGRE, E DE UM QUESTIONÁRIO MAIS ABRANGENTE, QUE RESPONDIDO POR 477 PROFISSIONAIS QUE ATUAM EM 271 VEÍCULOS DIFERENTES. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017).

A PESQUISA INDICOU QUE 83,6% DAS MULHERES CONSULTADAS JÁ SOFRERAM ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA, 65,7% JÁ TIVERAM SUA COMPETÊNCIA QUESTIONADA E 64% JÁ SOFRERAM ABUSO DE PODER DE

CHEFES OU FONTES DE INFORMAÇÃO. OUTROS 86% DAS MULHERES QUE RESPONDERAM O QUESTIONÁRIO AFIRMARAM JÁ TEREM VIVENCIADO ALGUM TIPO DE DISCRIMINAÇÃO DE GÊNERO NO TRABALHO, QUANTO A OPORTUNIDADES DE CRESCIMENTO PROFISSIONAL, DISTRIBUIÇÃO DE TAREFAS OU DEFINIÇÃO DE SALÁRIOS (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE JORNALISMO INVESTIGATIVO, 2017).

OS DADOS INDICARAM AINDA QUE APENAS 4,6% DAS RESPONDENTES TÊM ESPORTES COMO PRINCIPAL EDITORIA DE DESEMPENHO DE SUAS FUNÇÕES. A SITUAÇÃO SE MOSTRA AINDA MAIS ALARMANTE QUANDO A DIVISÃO DO TRABALHO ENCONTRA AS REGRAS CRISTALIZADAS NA ESTEREOTIPIIFICAÇÃO DE POSIÇÕES QUE SE ACENTUAM NOS CASOS DE CHEFIA (EDITORES) - NUMA SITUAÇÃO DE *TETO DE VIDRO* EM QUE, EMBORA INVISÍVEL, HÁ UMA BARREIRA QUE IMPEDE A ASCENSÃO PROFISSIONAL DE MULHERES, APENAS POR SEREM MULHERES.

SUGESTÃO DE SOM:

*CORTE DE NARRAÇÃO CAMILLA GARCIA

REDATOR: MILENNA ALVES
RETRANCA: TORCEDORAS/
MOVIMENTOS

O FUTEBOL É HISTORICAMENTE UM ESPAÇO OCUPADO POR HOMENS, ONDE A PRESENÇA DE MULHERES FOI POR ANOS PROIBIDA. SER MULHER EM UM AMBIENTE COMO ESTE É LUTAR CONTRA VIOLÊNCIAS E POR IGUALDADE. DIANTE DISSO, HOJE COMEÇAMOS A SÉRIE DE REPORTAGENS “CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL” ONDE VAMOS DEBATER A PRESENÇA DELAS NO ESPORTE MAIS POPULAR DO PAÍS. NO EPISÓDIO DE HOJE VAMOS FALAR SOBRE TORCEDORAS, AQUELAS QUE COM A MESMA VOZ QUE APOIAM COBRAM POR RESPEITO NOS ESTÁDIOS.

NO INÍCIO DO SÉCULO XX O JORNAL O ESTADO DE SÃO PAULO PASSOU A USAR O TERMO TORCEDORA, SUBSTANTIVO FEMININO QUE RETRATAVA AS MULHERES QUE NOS ESTÁDIOS PELO CALOR E NERVOSISMO DAS PARTIDAS TORCIAM SUAS LUVAS, DESDE ENTÃO O TERMO FICOU CONHECIDO PARA CLASSIFICAR AS PESSOAS QUE IAM AOS JOGOS. ISSO MOSTRA QUE AS MULHERES SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES NO FUTEBOL, NAS ARQUIBANCADAS E ACOMPANHANDO CAMPEONATOS.

ISSO NÃO SIGNIFICOU QUE O ESTÁDIO FOSSE UM LUGAR RECEPTIVO PARA ELAS E A IMAGEM DA MULHER FOI POR ANOS SEXUALIZADA. COMO EXPLICA A PESQUISADORA SORAYA BARRETO, AUTORA DO LIVRO “MULHERES NO CAMPO: O ETHOS DA TORCEDORA PERNAMBUCANA.

SONORA1 - SORAYA BARRETO 01h
 01' até 1h 1'27" RETOMA EM 1h 1'59" e
 vai até 1h 2' 8"
 TEMPO: 36"
 DEIXA: que vai ao estádio ver futebol

SONORA2 - PRETA BELARMINO:

18'45" até 19' 25"

TEMPO: 40"

DEIXA: e assim o coletivo vai trabalhando em cima disso

ESSA IDEIA DE ARQUIBANCADA CRIA INÚMERAS BARREIRAS PARA AS MULHERES TORCEREM PELOS SEUS TIMES DE CORAÇÃO, E MUITAS VIOLÊNCIAS SÃO PRATICADAS. COMO RELATA PRETA BELARMINO TORCEDORA DO FORTALEZA E COMPONENTE DO COLETIVO TORCEDORAS DO LEÃO.

SONORA3 - SORAYA BARRETO: 1h 2'

10" até 1h 2' 22"

TEMPO: 12"

DEIXA: ser lésbica é um problema

AS MULHERES SÃO MAIORIA NA POPULAÇÃO NACIONAL, E 71% DELAS ESTÁ INSERIDA NO FUTEBOL TORCENDO PARA ALGUM CLUBE. OU SEJA EXISTEM CERCA DE 78 MILHÕES DE TORCEDORAS NO PAÍS, SEGUNDO DADOS DA PESQUISA DATAFOLHA REALIZADA EM 2019. O GRANDE PROBLEMA ESTÁ NA AUSÊNCIA DE UMA REPRESENTAÇÃO SIGNIFICATIVA DESSAS TORCEDORAS NAS ARQUIBANCADAS. O PADRÃO FEMININO CRIADO NO IMAGINÁRIO DO FUTEBOL TORNOU O ESTÁDIO UM PALCO PARA O MACHISMO.

SONORA4 - SORAYA BARRETO: 53'

17" até 53' 53"

TEMPO: 36"

DEIXA: criar os nossos mecanismos

ESSE OLHAR PROS PROBLEMAS DAS ARQUIBANCADAS LEVOU A CRIAÇÃO DE MUITOS MOVIMENTOS FEMINISTAS. ENCONTRAMOS CERCA DE 37 TORCIDAS ESPALHADAS POR 16 ESTADOS BRASILEIROS. SÃO TORCEDORAS QUE BUSCAM MUDAR A REALIDADE.

SONORA5 - AMANDA BALBINO: 4'40"
até 4'57" retoma em 5'4" até 5'15"
TEMPO: 28"
DEIXA ser torcedora dentro do estádio

SONORA6: PRETA BELARMINO: 18'1"
até 18'35"
TEMPO: 34"
DEIXA: um jeito de ninguém ir só

SONORA7: AMANDA BALBINO:
41'32" até 42'23" (AMANDA - CSA
ANTIFASCISTA)
TEMPO: 51"
DEIXA: esse acesso de uma forma mais
leve, mais tranquila

OCUPAR ESSE ESPAÇO ERA UMA VONTADE COLETIVA, DESCONSTRUIR O PADRÃO E CONSTRUIR UM PÚBLICO TAMBÉM FEMININO É O TORCER DELAS. COMO DESTACA A TORCEDORA DO CSA AMANDA BALBINO, DO MOVIMENTO CSA ANTIFASCISTA.

IR AO ESTÁDIO, TORCER E APOIAR O CLUBE DE CORAÇÃO OS GRUPOS RESISTEM AMPLIANDO E FACILITANDO A PRESENÇA FEMININA NESSE ESPAÇO, DEMOCRATIZANDO ASSIM AS ARQUIBANCADAS PELO BRASIL.

AS TORCEDORAS SABEM QUE MUDAR A REALIDADE MACHISTA DO FUTEBOL VAI LEVAR TEMPO, MAS JUNTAS ELAS USAM O TORCER COMO LUTA POR UM FUTURO DIFERENTE.

REDATOR: MILENNA ALVES
RETRANCA: FUTEBOL FEMININO

INÍCIO: COMPILADO DE MOMENTOS
DO FUTEBOL FEMININO

LINKS:

https://www.youtube.com/watch?v=zVYvcH_qgIs

TEMPO: 2'29" ATÉ 1'31"

<https://www.youtube.com/watch?v=uVlrJWcdD6k>

TEMPO: 4'23" ATÉ 4'30"

https://www.youtube.com/watch?v=1VQ_6Q3vcSs

TEMPO: 17'5" ATÉ 17'10"

<https://www.youtube.com/watch?v=V52fAMpAhMk>

TEMPO: 5'46" ATÉ 5'51"

FALAR SOBRE FUTEBOL FEMININO É MAIS QUE LEMBRAR GOLS, LANCES MARCANTES, COPAS DO MUNDO, MEDALHAS OLÍMPICAS E SUAS PERSONAGENS, É LEMBRAR QUE JUNTO DISSO HÁ A RESISTÊNCIA DE TANTAS MULHERES PARA JOGAR FUTEBOL. NESSE SEGUNDO EPISÓDIO DA SÉRIE "CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL" VAMOS FALAR SOBRE O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL, AS BARREIRAS QUEBRADAS E OS DESAFIOS PARA A TÃO SONHADA PROFISSIONALIZAÇÃO DA PRÁTICA.

EM ABRIL DE 1941 FOI DECRETADA A LEI QUE PROIBIA MULHERES DE JOGAR COM A JUSTIFICATIVA DE QUE "ÀS MULHERES NÃO SE PERMITIRÁ A PRÁTICA DE DESPORTOS INCOMPATÍVEIS COM AS CONDIÇÕES DE SUA NATUREZA". O DECRETO DUROU ATÉ 1979, MAS O FUTEBOL FEMININO SÓ FOI REGULAMENTADO EM 1983, POSSIBILITANDO A CRIAÇÃO DE CLUBES, A UTILIZAÇÃO DE ESTÁDIOS E O ENSINO NAS ESCOLAS. ESSES ANOS DE PROIBIÇÃO REFLETEM ATÉ HOJE NO DESENVOLVIMENTO DE MULHERES NO FUTEBOL COMO RELATA A COORDENADORA DE FUTEBOL FEMININO DA FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL ANA LORENA MARCHE.

SONORA1 - ANA LORENA MARCHE
 5'49'' até 6'38''
 TEMPO: 49''
 DEIXA: PRA REVERBERAR O
 NÚMERO DE PRATICANTES

EM 2019, A FIFA DIVULGOU UM RELATÓRIO QUE ANALISOU O STATUS DA MODALIDADE FEMININA NO MUNDO. OS CRITÉRIOS LEVAVAM EM CONSIDERAÇÃO O NÚMERO DE JOGADORAS, ATLETAS FEDERADAS NO ADULTO E NAS CATEGORIAS DE BASE, OS ÓRGÃOS GESTORES E A REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO COMANDO DA MODALIDADE.

SEGUNDO A PESQUISA O BRASIL TEM APENAS 15 MIL MULHERES JOGANDO FUTEBOL DE FORMA ORGANIZADA, NO PROFISSIONAL E NO AMADOR. OS ESTADOS UNIDOS, MAIOR POTÊNCIA DO FUTEBOL FEMININO MUNDIAL TEM 9,5 MILHÕES DE MULHERES JOGANDO, O NÚMERO É 600 VEZES MAIOR QUE O BRASILEIRO.

SONORA2 - ANA LORENA MARCHE:
 7'38'' até 8'33''
 TEMPO: 55''
 DEIXA: de todos os esportes, não necessariamente só o futebol

PARA AS MULHERES QUE SONHAM EM SE TORNAR JOGADORAS E VIVER DO SEU FUTEBOL FALTA O MÍNIMO NA MAIORIA DAS VEZES, SÃO SITUAÇÕES QUE ESCANCARAM A FALTA DE PROFISSIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE. COMO DESABAFADA DAY SILVA, VOLANTE DE 25 ANOS DO ACAUÃ DELAS, CLUBE DE MACEIÓ.

SONORA3 - DAY SILVA: 27'' até 55''
 TEMPO: 28''
 DEIXA: só que não tinham dinheiro

OUTRA CARACTERÍSTICA MARCANTE DA DESIGUALDADE DE GÊNERO É VISTA NA BEIRA DO GRAMADO. NO COMANDO TÉCNICO DO FUTEBOL FEMININO ESTÃO OS HOMENS.

SONORA5 - LINDSAY CAMILLA:

11'37'' até 12'09''

TEMPO: 32''

DEIXA: pensar em seleção é encurtar o caminho

NA EDIÇÃO DESTE ANO DO BRASILEIRÃO FEMININO A1, ELITE DO FUTEBOL NACIONAL, DOS 16 TÉCNICOS DA COMPETIÇÃO APENAS QUATRO ERAM MULHERES. UMA DELAS ERA LINDSAY CAMILA, HOJE NO GALO FEMININO, A TREINADORA COMANDOU A FERROVIÁRIA NO TORNEIO, E NOS FALA DA IMPORTÂNCIA DE TER MULHERES NO CARGO.

O LENTO DESENVOLVIMENTO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL ESBARRA TAMBÉM NA BAIXA REPRESENTATIVIDADE FEMININA NO COMANDO DA MODALIDADE. SOMENTE EM SETEMBRO DE 2020 A CBF ADMITIU PELA PRIMEIRA VEZ MULHERES NOS CARGOS DE LIDERANÇA, A EX ZAGUEIRA ALINE PELEGRINO ASSUMIU A COORDENAÇÃO DE COMPETIÇÕES E A EX MEIA DUDA LUIZELLI É A COORDENADORA DE SELEÇÕES. A PESQUISADORA SORAYA BARRETO COMENTA SOBRE A LIDERANÇA TARDIA DE MULHERES NA CATEGORIA.

SONORA6 - SORAYA BARRETO:

11'12'' até 11'33''

TEMPO: 21''

DEIXA: do que na verdade sendo absorvida

A PROFISSIONALIZAÇÃO DA MODALIDADE AINDA ESTÁ LONGE DO IDEAL, MAS AS MULHERES SEGUEM FIRMES E TRABALHANDO POR MELHORIAS NA PRÁTICA PARA TODAS E PARA AS QUE ESTÃO POR VIR.

SONORA7 - LINDSAY CAMILLA:

1h17'; 48'' até 1h18'

TEMPO: 12''

DEIXA: isso já é de grande ganho

REDATOR: MILENNA ALVES
RETRANCA:
MULHERES/ARBITRAGEM

NESTA TERCEIRA REPORTAGEM DA SÉRIE “CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL” VAMOS FALAR SOBRE AS MULHERES NA ARBITRAGEM, SUAS TRAJETÓRIAS E AS BARREIRAS PARA EXERCER ESSA ATIVIDADE.

NO EPISÓDIO ANTERIOR QUANDO FALAMOS SOBRE FUTEBOL FEMININO, VIMOS QUE O BRASIL PROIBIU AS MULHERES DE PRATICAREM ESPORTES CONSIDERADOS INADEQUADOS PARA A NATUREZA FEMININA. ESSA PROIBIÇÃO APESAR DE NÃO CITAR DIRETAMENTE A ARBITRAGEM COLABOROU PARA A INSERÇÃO TARDIA DE MULHERES NAS FUNÇÕES QUE DERIVAM DA PAIXÃO NACIONAL. COMO ANALISA A PESQUISADORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA LUDMILA MOURÃO.

SONORA 1: LUDMILA
 MOURÃO:35’45’’ até 36’14’’
 TEMPO: 27’’
 DEIXA: em uma desigualdade tão forte

OS RELATOS DA BRASILEIRA LEA CAMPOS, QUE PARTICIPOU DE UM CURSO EM 1967 REALIZADO PELA ESCOLA DE ÁRBITROS DO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL AMADOR DA FEDERAÇÃO MINEIRA DE FUTEBOL, INDICAM A PRIMEIRA MULHER COMO ÁRBITRA NO MUNDO. PORÉM POR CONTA DO DECRETO LEI EM VIGOR NO BRASIL QUE PROIBIA O ENVOLVIMENTO DE MULHERES COM O FUTEBOL A MINEIRA SÓ FOI RECONHECIDA PELA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS EM 1971. ISSO APÓS CONSEGUIR A AUTORIZAÇÃO DO ENTÃO PRESIDENTE DO BRASIL, O GENERAL MILITAR MÉDICI, COM QUEM COMPARTILHOU OS MOTIVOS QUE A IMPEDIAM DE APITAR JOGOS.

ÁUDIO: LEA CAMPOS LENDO CARTA ASSINADA POR MÉDICI

<https://www.youtube.com/watch?v=PiGxfk3gCRU>

***TEMPO: 1' ATÉ 15''**

SONORA2: CLÁUDIA GUEDES:

1h18'53'' ATÉ 1h19'14'' RETOMA EM 1h19'30'' ATÉ 1h20'9''

TEMPO: 59''

DEIXA: é bom que você entenda

APÓS O FIM DO DECRETO DE PROIBIÇÃO, O INÍCIO DA DÉCADA DE 80 SIGNIFICOU UM NOVO PASSO PARA AS MULHERES NA ARBITRAGEM COM UM CURSO EXCLUSIVO PARA ELAS. EM 1991 CLÁUDIA GUEDES SE TORNOU A PRIMEIRA MULHER A APITAR UM JOGO ORGANIZADO PELA FIFA, NA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL DE MULHERES NA CHINA. MAS JUNTO DA IMPORTÂNCIA DE FAZER PARTE DO PIONEIRISMO VIERAM RESPONSABILIDADES COMO NOS CONTA A PRÓPRIA CLÁUDIA GUEDES, EX-ÁRBITRA DE FUTEBOL.

ESSES FEITOS PAUTARAM A PRESENÇA DE MULHERES NA ARBITRAGEM NOS ANOS SEGUINTE, MAS AINDA NOTAMOS A DESIGUALDADE NA ÁREA, EM NÚMERO DE PROFISSIONAIS E DE OPORTUNIDADE PARA AS ELAS. O DADO MAIS RECENTE É DO SITE DIBRADORAS, QUE NO ANO DE 2019 APONTOU A PRESENÇA DE MULHERES NO QUADRO CBF DAQUELE MESMO ANO, ERAM 86 PROFISSIONAIS SENDO 18 ÁRBITRAS CENTRAIS 59 ASSISTENTES E 9 ANALISTAS, ENQUANTO HOMENS ERAM 752 NO GERAL SENDO 248 ÁRBITROS CENTRAIS 355 ASSISTENTES E 149 ANALISTAS. ISSO SIGNIFICA QUE AS MULHERES ERAM APENAS 10% NO QUADRO NACIONAL. E NAS ESCALAS EM JOGOS ESSES NÚMEROS SE TORNAM AINDA MAIS DESEQUILIBRADOS, COM POUCAS MULHERES ATUANDO NA PRÁTICA. COMO RELATA A EX ASSISTENTE CBF RAQUEL BARBOZA.

SONORA3: RAQUEL BARBOZA:
25'36'' até 26'1''
TEMPO:25''
DEIXA: não confiasse no trabalho das mulheres

SONORA4: CLÁUDIA GUEDES:
37'56'' até 38'36''
TEMPO: 40''
DEIXA: eu não podia errar

SONORA5: LUDMILA MOURÃO:
51'20'' até 51'54'' retoma em 52'01'' até 52'06''
TEMPO: 39''
DEIXA: modo diferente do homem

SONORA6: RAQUEL BARBOZA:
13'46'' até 13'53'' retoma em 14'03'' até 14'09''
TEMPO: 13''
DEIXA: ela sabe o que está fazendo

E QUANDO FALAMOS EM OPORTUNIZAR ESSAS PROFISSIONAIS ENCONTRAMOS OUTRO PROBLEMA: POUCAS ÁRBITRAS NO COMANDO DE UMA PARTIDA. A GRANDE MAIORIA DAS MULHERES NESTA ÁREA OCUPA AS BANDEIRINHAS, E O APITO VAI SENDO OBJETO QUASE QUE EXCLUSIVO DE HOMENS.

ATRAVÉS DAS TRAJETÓRIAS E DO DESAPARECIMENTO DE MUITAS PROFISSIONAIS NESSAS POSIÇÕES PRECISAMOS ENTENDER COMO ESSAS TÊM SEUS DESEMPENHOS ANALISADOS, PRINCIPALMENTE EM COMPARAÇÃO AOS COLEGAS DO GÊNERO MASCULINO.

ALÉM DESSA BARREIRA CORPORATIVA AINDA HÁ OS OBSTÁCULOS APÓS CONSEGUIR ESTAR ALI COMO PROFISSIONAL MULHER O QUE REVELA O MACHISMO CULTURAL DO FUTEBOL.

SONORA7: LUDMILA MOURÃO:
1h43'14'' ATÉ 1h43'22'' retoma em
1h43'45'' até 1h43'50'' corte até 1h44' até
1h44'8''
TEMPO: 36''
DEIXA: minimamente bem dentro daquele
campo

MESMO COM TODOS ESSES FATORES
CONTRA, AS MULHERES SEGUEM
AUMENTANDO SUA PARTICIPAÇÃO NOS
QUADROS NACIONAIS E INTERNACIONAIS
DE
ARBITRAGEM E SE CAPACITANDO. É
NECESSÁRIO LUTAR POR
OPORTUNIDADES E RECONHECIMENTO
NESSES ESPAÇOS.

REDATOR: MILENNA ALVES
RETRANCA:
MULHERES/NARRAÇÃO E
COMENTÁRIOS

QUAIS OS MOMENTOS MAIS MARCANTES DO SEU TIME? AQUELE GOL DO TÍTULO? DO ACESSO? CONTRA O RIVAL? QUEM NARROU ESSES MOMENTOS? E AS ANÁLISES TÁTICAS? COMO SEU TIME ESTÁ EM CAMPO/COMO O TÉCNICO PODE MEXER NA ESCALAÇÃO// QUEM COMENTOU ESSES LANCES? DURANTE DÉCADAS ESSE LUGAR FOI TERRITÓRIO EXCLUSIVO DE HOMENS/ POR ISSO NESSE QUARTO E ÚLTIMO EPISÓDIO DA SÉRIE “CONTRA-ATAQUE: MULHERES E O FUTEBOL” VAMOS FALAR SOBRE AS NARRADORAS E COMENTARISTAS ESPORTIVAS//

DESDE O INÍCIO DAS TRANSMISSÕES NO BRASIL/NO RÁDIO NA DÉCADA DE 30 E NA TV EM 1955 AS MULHERES VÊM CONQUISTANDO ESPAÇOS NA COBERTURA// NOS PRIMEIROS MOMENTOS A MAIORIA DAS PROFISSIONAIS NO CADERNO DE ESPORTES TINHAM FUNÇÕES ALHEIAS AO JORNALISMO/MAS COM O AVANÇO DA PRÁTICA ESPORTIVA POR MULHERES ELAS FORAM ADQUIRINDO CONHECIMENTO PARA COMENTAR E DIVULGAR INFORMAÇÕES// A REPORTAGEM FOI O INÍCIO DESSA TRAJETÓRIA E É ATÉ HOJE A FUNÇÃO COM MAIS MULHERES NO JORNALISMO ESPORTIVO// DENTRO DAS TRANSMISSÕES NA NARRAÇÃO E NO COMENTÁRIO FOI NATURAL NÃO VER MULHERES// A ELAS NÃO É DADO O PROTAGONISMO/COMO ANALISA A PESQUISADORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS LÍDIA RAMIRES.

SONORA1 - LÍDIA RAMIRES: 25’’ ATÉ 50’’
 TEMPO: 25’’
 DEIXA: concedidos a homens, não a mulheres

ÁUDIO NARRAÇÃO CAMILLA GARCIA:

<https://www.youtube.com/watch?v=PtNldYMIQJ4>

*PEGAR UM PEQUENO TRECHO DE GOL

SONORA2 - CAMILLA GARCIA: 4'08''

até 4'34''

TEMPO: 26''

DEIXA: acompanhando qualquer partida

SONORA3 - CAMILLA GARCIA: 7'19''

até 7'45''

TEMPO: 26''

DEIXA: que a gente tem que derrubar, é complicado

ALÉM DE LUTAR PELA OPORTUNIDADE DE OCUPAR ESSA FUNÇÃO AS PROFISSIONAIS AINDA PRESENCIAM O MACHISMO EM DIVERSAS FORMAS//.

A DONA DESSA VOZ É CAMILLA GARCIA/NARRADORA DO GRUPO DISNEY/DURANTE UMA PARTIDA DA CHAMPIONS LEAGUE. /ELA NOS FALA SOBRE AS BARREIRAS DE ESTAR NO COMANDO DE UMA TRANSMISSÃO//

A EMOÇÃO NA VOZ DELAS CAUSA ESSE ESTRANHAMENTO QUE ESBARRA EM ARGUMENTOS RASOS E EXPÕEM O REAL PROBLEMA: SER MULHER.

NOS COMENTÁRIOS SOMENTE DEPOIS DE 54 ANOS A REDE GLOBO/ MAIOR EMISSORA DE ESPORTE BRASILEIRA/TEVE UMA MULHER COMO COMENTARISTA EM PARTIDAS MASCULINAS// ANA THAIS MATOS ESTEVE NO TRADICIONAL DOMINGO DE FUTEBOL EM UM SANTOS VERSUS ATLÉTICO PARANAENSE EM 2019// ALÉM DELA O CANAL TEM AGORA RENATA MENDONÇA NO QUADRO DE COMENTARISTAS// ESSA REPRESENTATIVIDADE REVELA QUE ALI TAMBÉM É LUGAR DE MULHER, COMO NOS CONTA A PRÓPRIA RENATA.

SONORA4 - RENATA MENDONÇA:
9'28'' até 9'59''
TEMPO: 32''
DEIXA: que esse lugar não é pra você

SONORA5 - RAFAELLE
SERAPHIM: 22'07'' até 22'37''
TEMPO: 27''
DEIXA: de enxergar a mulher como
protagonista nesse cenário

SONORA6 - RAFAELLE SERAPHIM:
23'57'' até 24'30''
TEMPO: 33''
DEIXA: que é a proporcionalidade

COMPILADO - CAMILLA GARCIA 2:
09'' até 14''
TEMPO:6''
RENATA MENDONÇA: 1h29'14'' ATÉ
1h29'19''
TEMPO: 5''
RAFAELLE SERAPHIM: 52'50'' ATÉ
52'55''
TEMPO: 5''
LÍDIA RAMIRES 1'30'' ATÉ 1'41''
TEMPO: 12''

ESTAR COM A PALAVRA TÉCNICA E
TÁTICA DO FUTEBOL NÃO PERMITE QUE
AS MULHERES ERREM/ ESSA COBRANÇA E
DÚVIDA SOBRE SUA CAPACIDADE É MAIS
UM OBSTÁCULO PARA ELAS// COMO NOS
CONTA RAFAELLE SERAPHIM/
COMENTARISTA QUE PARTICIPA COMO
CONVIDADA DE MESA REDONDAS NOS
CANAIS SPORTV.

E INFELIZMENTE ESSA PRESENÇA AINDA
EXPÕEM OUTRAS DESIGUALDADES, COMO
É O CASO DA MULHER NEGRA DENTRO DA
EDITORIA. RAFAELLE É UMA DAS POUCAS
COM O ESPAÇO DE OPINIÃO NO
JORNALISMO ESPORTIVO.

A CADA GOL NARRADO E OPINIÃO DADA,
VELHAS BARREIRAS SÃO QUEBRADAS E
NOVAS MULHERES PODEM SONHAR EM
OCUPAR ESSE TERRITÓRIO.